



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

Susana Margarida Silva Pereira

O Álcool e o Lazer

**Um Estudo Centrado em Adolescentes
do Distrito de Viana do Castelo**

Curso de Mestrado

Promoção e Educação para a Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação da

Doutora Maria Luísa Ramos Santos

setembro 2013

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Pereira, Susana Margarida Silva



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

Susana Margarida Silva Pereira

O Álcool e o Lazer

Um Estudo Centrado em Adolescentes

do Distrito de Viana do Castelo

Curso de Mestrado

Promoção e Educação para a Saúde

DECLARAÇÃO

Declaro que a presente Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente referenciadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato

Viana do Castelo, 6 de setembro de 2013

Declaro que esta Dissertação demonstra qualidade e se encontra em condições de ser aprovada pelo júri a designar.

O orientador

Viana do Castelo, 6 de setembro de 2013

DECLARAÇÃO

Susana Margarida Silva Pereira, estudante do Curso de Mestrado em Educação, Especialização em Promoção e Educação para a Saúde, autoriza a divulgação on-line pelos Serviços Bibliotecários da Instituição da dissertação “O Álcool e o Lazer Um Estudo Centrado em Adolescentes do Distrito de Viana do Castelo”.

O Candidato

Viana do Castelo, 6 de setembro de 2013

AGRADECIMENTOS

Cabe-me, em primeiro lugar, agradecer à Professora Maria Luísa Santos, pela paciência, compreensão e disponibilidade que sempre demonstrou no decurso da orientação da minha dissertação. Este agradecimento prende-se também com o respeito e responsabilidade que revelou, e que me proporcionaram a estabilidade necessária para a elaboração deste trabalho.

Desejo também agradecer aos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram em todos os momentos, nos bons e nos menos bons, através do seu carinho e compreensão em todas as situações ocorridas ao longo da elaboração da dissertação, tentando sempre ajudar-me nas dificuldades, premiando-me nas soluções e dando-me uma força enorme.

São também dignos de um grande agradecimento os meus amigos e colegas, pelo companheirismo, pela solidariedade, pela ajuda e entreajuda, ultrapassando, assim, as dificuldades em conjunto, e pelo modo como escutaram e compreenderam abafos e desabafos.

Aos participantes do estudo...um grande Obrigada por colaborarem e possibilitarem a realização do trabalho, tal como pela enorme disponibilidade e grande vontade que sempre demonstraram.

RESUMO

O presente estudo, incide sobre o consumo de álcool associado ao lazer, nos adolescentes e tem como objetivo analisar, descrever e interpretar os padrões de consumo de bebidas alcoólicas numa amostra de adolescentes residentes no distrito de Viana do Castelo, relacionando tal consumo com as rotinas de vida, com o tempo livre de obrigações formais e tempo de lazer de que dispõem.

Trata-se de uma abordagem quantitativa e conta com a aplicação de 300 questionários junto de uma amostra de adolescentes do Distrito de Viana do Castelo pertencentes a duas escolas do distrito de Viana do Castelo, uma localizada em meio rural, outra em meio urbano.

Os dados obtidos através da aplicação dos questionários foram objeto de análise descritiva e inferencial. Através desta análise dos resultados, constatou-se que os inquiridos têm idades compreendidas entre os 15 e 16 anos, que tanto rapazes como raparigas consomem álcool cada vez mais cedo; em relação aos pais, os do meio rural consomem mais bebidas alcoólicas; a maioria dos inquiridos referiu conseguir resistir ao consumo de bebidas alcoólicas. No que respeita aos hábitos de vida, os indivíduos do sexo masculino praticam mais desporto.

O estudo em questão limita os resultados, pois não os podemos generalizar, uma vez que, se trata de um estudo em apenas duas escolas, e pela especificidade do tema de pesquisa. Outra limitação que se aponta ao estudo é o tamanho da amostra, que, embora tenha permitido tirar conclusões, não permitiu dar resposta a questões que envolvessem subamostras reduzidas. Por outro lado, a amostra apenas representa os estudantes de duas escolas e foi por conveniência limitando também os próprios resultados. Estudos posteriores devem abranger amostras mais diversificadas, testando indivíduos de outras escolas comparativamente.

Palavras-chave: Álcool, Alcoolismo, Adolescência, Lazer.

ABSTRACT

This study focuses on the alcohol consumption of their leisure in adolescents and has as objective to analyze, describe and interpret the patterns of alcohol consumption in a sample of adolescents living in the district of Viana do Castelo and relate to the routines of life, with free time formal obligations and leisure time available to them.

This is a quantitative approach and relies on the application of 300 questionnaires with a sample of adolescents from Distrito de Viana do Castelo from two schools in the district of Viana do Castelo, one located in rural areas in other urban areas.

Data obtained from the questionnaires were subject to descriptive and inferential analysis. Through this analysis of the results, it was found that respondents are aged between 15 and 16 years, both boys and girls who consume alcohol at an earlier age, in relation to parents, rural consume more alcohol, and the majority of respondents say they can resist the consumption of alcoholic beverages. With regard to lifestyle, the males practice more sport.

This study is limited because the results can not generalize the results since, as it is a study in only two schools, and the specificity of the research topic. Another limitation is that the study points to is the sample size, which allowed conclusions although not allowed to answer questions involving subsamples reduced. On the other hand, the sample is only school students and two were merely for convenience also results themselves. Further studies should include more diverse samples, testing individuals from other schools compared.

Keywords: Alcohol, Alcoholism, Adolescence, Leisure.

Índice

FICHA DE CATALOGAÇÃO	ii
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – A Adolescência	15
1.1 Breve Abordagem da Adolescência	15
1.1.1 Desenvolvimento Físico	17
1.1.2 Desenvolvimento Cognitivo	19
1.1.3 Desenvolvimento Psicológico	20
1.2 Fatores que influenciam a educação e comportamento dos adolescentes.....	22
1.2.1 A Família	22
1.2.2 Divórcio. Rutura da família.....	26
1.2.3 A Escola.....	29
1.3 O Lazer nos adolescentes.....	32
CAPÍTULO II – Os Consumos enquanto fatores de risco e de lazer na adolescência....	36
2.1 Comportamentos de risco e protetores.....	36
2.2 O Consumo de Álcool.....	37
2.2.1 O consumo de álcool e os adolescentes	42
2.2.2 A Prevenção	47
2.3 Os perigos do Álcool	50
2.4 Representação Social do Álcool	54
Capítulo III – Metodologia.....	56
3.1 As Escolas	56
3.2 Objetivos de Investigação	57
3.3 Variáveis.....	57
3.4 Tipo de Investigação	58

3.5 População e Amostra.....	59
3.5.1 Constituição da amostra.....	59
3.6 Instrumento de Recolha de Dados	59
3.7 Procedimentos e Tratamento de Dados	60
Capítulo IV – Resultados: Apresentação e Discussão	61
4.1 Análise Descritiva	61
4.1.1 Descrição da amostra.....	61
4.1.2 Hábitos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas.....	64
4.1.3 Caracterização e hábitos pessoais.....	73
4.1 Discussão de Resultados	78
Capítulo V – Conclusão.....	86
Referências Bibliográficas.....	87
Anexos.....	90

Índice de Quadros

Quadro 1 - <i>Distribuição dos alunos por tipo de curso e localização da escola, relativamente ao sexo.</i>	62
Quadro 2 – <i>Distribuição dos indivíduos por idade</i>	63
Quadro 3 - <i>Distribuição dos indivíduos por tipo de agregado familiar</i>	63
Quadro 4 – <i>Distribuição dos pais dos alunos por nível de escolaridade</i>	64
Quadro 5 - <i>Tipo de bebida alcoólica consumida pelos pais dos alunos</i>	65
Quadro 6 - <i>Quantidade de consumo de bebidas alcoólicas pelos pais dos alunos</i>	66
Quadro 7 - <i>Idade de início de consumo de bebidas alcoólicas</i>	67
Quadro 8 - <i>Contexto para o início do consumo de bebidas alcoólicas</i>	67
Quadro 9 - <i>Quantidade de consumo de bebidas alcoólicas pelos alunos</i>	68
Quadro 10 – <i>Agradabilidade do consumo de álcool</i>	69
Quadro 11 – <i>Perceção de aceitabilidade do consumo de álcool por parte da família.</i> .	70
Quadro 12 - <i>Pressão dos pares para o consumo de bebidas alcoólicas</i>	70
Quadro 13 - <i>Os pais como incentivo ao consumo de bebidas alcoólicas</i>	71
Quadro 14 - <i>Quantidade de pessoas conhecidas que consomem bebidas alcoólicas</i> ...	72
Quadro 15 - <i>Distribuição das respostas dos indivíduos respetivamente a hábitos de consumo de bebidas alcoólicas</i>	72
Quadro 16 - <i>Distribuição das respostas dos indivíduos relativamente à questão "achas que estás em forma?"</i>	73
Quadro 17 - <i>Distribuição do número de horas que os indivíduos despendem por semana, em exercício físico, dentro e fora da escola</i>	74
Quadro 18 - <i>Estatística descritiva da escala de frequências de atividade física, que os indivíduos desempenham na escola</i>	75
Quadro 19 - <i>Distribuição dos indivíduos por critério de sociabilização</i>	75
Quadro 20 - <i>Análise descritiva da escala de hábitos dos indivíduos</i>	76
Quadro 21 - <i>Distribuição das respostas dos indivíduos relativas à questão "quanto gostas de atividades sociais?"</i>	76
Quadro 22 - <i>Distribuição das respostas dos indivíduos relativamente ao tipo de uso que fazem da internet</i>	77

INTRODUÇÃO

Portugal é um país de longa tradição vitivinícola. O consumo de vinho incorporou-se nos rituais e tradições e faz parte da chamada “dieta mediterrânea”, exercendo uma poderosa influência em diversos sectores económicos de grande importância: turismo, restauração, divertimento, indústria produtora, etc. Admitindo o importante papel que o vinho tem tido no desenvolvimento da cultura e tradições, nas últimas décadas tem sofrido profundas transformações que tem influenciado decisivamente os modos e formas de beber.

Existe uma tendência europeia de uniformização dos padrões de consumo alcoólico.

Em Portugal, assistimos ao aumento do consumo de cerveja em detrimento do vinho e a concentração dos consumos em fins-de-semana, com fins recreativos e entre a população jovem, sendo o seu consumo encarado como fonte integrante de uma vida “normal”.

O alcoolismo apresenta-se como um grave problema de saúde pública em Portugal, tendo-se alterado as características sociodemográficas e culturais dos consumidores (Cabral, 2004).

Morais e Viana (2004) consideram que o álcool é uma droga subestimada. Estes autores afirmam que o consumo de bebidas alcoólicas constitui um dos mais sérios problemas sociais do nosso tempo, sendo o álcool a droga de maior consumo entre os jovens. Muitos são os problemas ligados ao álcool e que afetam a vida dos jovens de forma transitória ou permanente. Por outro lado, o consumo de álcool na nossa sociedade ainda aparece associado a múltiplos aspetos aparentemente positivos, tais como a integração social, desinibição e virilidade.

Sendo a adolescência uma das fases da vida marcada por profundas transformações, também os jovens são particularmente vulneráveis ao consumo de bebidas alcoólicas. Segundo Trindade e Correia (1999), o consumo excessivo de álcool nos jovens, à semelhança do que acontece com as populações adultas, é responsável por diversos problemas, não só ao nível da saúde, como também ao nível sociocultural (por exemplo, do rendimento escolar e da adaptação social). O consumo de álcool, para além de poder influenciar de forma direta, a médio e a longo prazos, a saúde física e mental,

pode relacionar-se, a curto prazo, com a diminuição do rendimento escolar e com comportamentos de risco para a saúde (nomeadamente no âmbito de comportamentos sexuais de risco e de comportamentos de risco na condução de veículos motorizados). A elevada prevalência do consumo de álcool nos adolescentes a as alterações nos padrões de consumo têm sido objeto de alguns estudos, uma vez que representam uma ameaça à sua saúde, bem-estar e qualidade de vida.

Vinagre e Lima (2006) realizaram um estudo com o objetivo de analisar o papel da experiência de consumo dos adolescentes nos juízos de risco e verificar a influência do género e idade conjuntamente com as práticas de consumo nos julgamentos de risco, sendo os adolescentes mais novos os que apresentam maior consumo de bebidas alcoólicas e os do sexo feminino os que manifestam maior perceção do risco.

Trindade e Correia (1999) apontam para a existência de uma relação significativa entre o consumo de álcool e algumas expectativas face aos seus efeitos, nomeadamente: o de ser bem aceite pelos outros; o de conseguir falar com maior facilidade; o de se sentir mais independente; o de poder faltar às aulas. Assim, os adolescentes com consumo importante de álcool esperam mais consequências positivas do ato de beber do que os adolescentes com baixo consumo de álcool.

Um outro estudo, realizado por Teixeira (2008), pretendeu caracterizar o padrão de consumo de bebidas alcoólicas dos jovens transmontanos e demonstrar que o mesmo deverá ser entendido como uma das formas de lazer que a sociedade atual disponibiliza aos jovens, nos países industrializados e/ou em vias de desenvolvimento.

Pinto (2004) refere a influência dos pares como fator determinante do consumo de álcool. O objetivo principal do estudo era investigar a relação que existe entre atividade física, consumos (álcool, tabaco) e o comportamento dos pares, tendo-se verificado que o consumo de tabaco e álcool estão positivamente relacionados entre si e também que as relações sociais influenciam a prática desportiva e os consumos de tabaco e álcool, ou seja, a prática desportiva diminui os consumos de tabaco e álcool. O comportamento dos pares vai, de certa forma, ajudar a prognosticar o comportamento do adolescente.

Morais e Viana (2004) salientam, neste contexto da socialização, que o consumo de álcool surge frequentemente como uma chamada de atenção e/ou uma forma de integração no grupo de pares em que o jovem desempenha assim o papel que dele se espera, em função do seu novo estatuto.

O presente estudo justifica-se face aos resultados das pesquisas prévias que indicam uma tendência generalizada para o aumento do consumo de bebidas alcoólicas, atualmente disponibilizadas e socialmente aceites.

Nele, encontra-se realizada, numa primeira parte, referente aos dois primeiros capítulos, uma análise bibliográfica de conteúdos pertinentes ao estudo, que englobam aspetos no contexto da adolescência, relativamente ao desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico, os fatores que influenciam a educação e o comportamento dos adolescentes, nomeadamente a família e a escola, e uma breve abordagem às suas atividades de lazer. Seguidamente, foram realizadas análises bibliográficas de diversos autores, ao nível do consumo de bebidas alcoólicas dos adolescentes enquanto fatores de risco e de lazer, abordando os comportamentos causados pelo álcool, a prevenção, os perigos do álcool e sua representação social.

Assim, o objetivo geral deste estudo é responder à seguinte pergunta: Será que o consumo de bebidas alcoólicas apresentadas pelos adolescentes do distrito de Viana do Castelo pode estar relacionado com as atividades realizadas pelos mesmos?

Dos objetivos específicos temos a salientar:

- Caracterizar o consumo de álcool e atividades de lazer dos adolescentes a frequentar o ensino secundário, numa escola situada em meio urbano e outra em meio rural.
- Caracterizar o consumo de álcool e atividades de lazer dos adolescentes a frequentar o ensino profissional e ensino regular das duas escolas.
- Caracterizar os padrões de consumo de álcool e de lazer por parte do agregado familiar e dos colegas dos jovens.

Deste modo, esperamos a contribuir para um processo de reflexão, apresentando algumas conclusões, de forma a equacionar o planeamento e a implementação de estratégias de prevenção e educação no âmbito dos comportamentos de consumo excessivo de álcool por parte dos adolescentes.

CAPÍTULO I – A Adolescência

1.1 Breve Abordagem da Adolescência

A adolescência é um período marcante na vida que se situa entre a infância e a idade adulta, ou seja, é a etapa no desenvolvimento do ser humano que marca a transição da infância para a idade adulta. Durante este período de tempo, o indivíduo vai passar por uma série de transformações, quer físicas quer psicológicas. Ocorre um conjunto de transformações físicas, de transformações psicológicas, bem como um vincado desenvolvimento intelectual. Do ponto de vista físico, devido aos mecanismos hormonais, o corpo cresce muito rapidamente e desenvolvem-se os caracteres sexuais secundários. Do ponto de vista psicológico, o adolescente vivencia sentimentos de insegurança face às transformações do seu corpo e face ao seu próprio papel no seio da sociedade. Segundo Feijão (2010), nesta fase, o adolescente já não se identifica com o mundo das crianças, mas também não se considera ainda no mundo dos adultos.

Esta fase da adolescência é o intervalo de tempo durante o qual o jovem também começa a exercer opções, tendo já mais autonomia.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece a adolescência entre os 12 e os 20 anos de idade (Ferreira & Nelas, 2006). Contudo, será sempre de levar em conta diferentes fatores, tais como sexo, etnia, cultura, clima e hábitos alimentares.

A adolescência como etapa do desenvolvimento humano apenas foi reconhecida pela sociedade no século XX. Contudo, este reconhecimento esteve relacionado com a revolução industrial e o crescimento da mão-de-obra adulta e a necessidade de a proteger da concorrência mais barata que representava a mão-de-obra dos adolescentes. A revolução industrial foi um ponto marcante para a descoberta da adolescência (Sprinthall&Collins, 2003).

Até final do século dezanove, as crianças, uma vez atingidos os seis/sete anos, passavam a ser vistas como adultos, indo trabalhar para os campos, fábricas (com a revolução industrial), minas, onde muitas vezes acabavam por morrer por doenças ou acidentes de trabalho ou indo para a guerra (Sprinthall&Collins, 2003). Só nos últimos 150 anos a sociedade começou a reconhecer a adolescência como uma etapa do ciclo vital (Ferreira & Nelas, 2006).

Stanley Hall tornou-se o pioneiro no estudo da adolescência e o primeiro a defender a adolescência como uma etapa especial do desenvolvimento humano. Influenciado pelas teorias evolucionistas de Charles Darwin, defendeu que a adolescência era um estágio evolutivo em que o indivíduo passava por um novo nascimento, com traços novos de personalidade (Ferreira & Nelas, 2006). Segundo os mesmos autores, a adolescência era um período de grande agitação e turbulência (*Sturm und Drang*). Outros autores como Freud, Blos ou Erikson, compartilharam com Hall esta ideia de tensão.

Esta ideia de turbulência influenciou a forma como se via a adolescência, criando-se o mito do tumulto normativo do adolescente, em que o indivíduo viveria um período de descontinuidade e ruptura, de instabilidade, de crise de identidade e conflito de gerações (Weiner, 1996).

Para Sprinthall e Collins (2003), esta posição foi contestada por Margareth Mead, que estudou a adolescência na ilha de Samoa, definindo-a como um período agradável da vida. Noutro estudo levado a cabo por Levine e Levine foi estudada uma tribo no Quênia em que a adolescência era uma etapa traumática, marcada por um rito de passagem que envolvia a circuncisão nos rapazes e a mutilação genital nas raparigas. No entanto, Weiner (1996) considera que a adolescência é uma fase caracterizada pela continuidade no desenvolvimento, estabilidade emocional, formação de identidade sem crise inabilitante e harmonia entre gerações.

A adolescência tem início com a puberdade, necessariamente diferente entre rapazes e raparigas, e termina quando o indivíduo atinge a maturidade do ponto de vista social e emocional, adquirindo a experiência, a habilidade e a vontade, que são características essenciais para se assumir como adulto (Ferreira & Nelas, 2006).

Sampaio (2001) definiu a adolescência como uma etapa do desenvolvimento entre as transformações psicobiológicas que marcam a maturação e a idade em que o indivíduo adquire um conjunto de valores e crenças que se enquadram numa identidade estabelecida. Há uma passagem de uma posição de dependência da criança face aos seus pais para uma posição em que o indivíduo adquire uma identidade própria e maior autonomia. Segundo este autor, a autonomia (a nível interno) é um processo progressivo que pressupõe, a dada altura, o confronto com os pais, permitindo, assim, ao indivíduo a aquisição de domínio sobre si mesmo. Ele toma consciência das suas convicções e dos seus valores e atua de acordo com eles, tomando as suas próprias decisões. Este processo vai depender também da capacidade dos pais para estimularem essa separação

e da qualidade do vínculo emocional que os liga. A quantidade da dependência diminui, mas não deve diminuir a qualidade do laço que liga pais e filhos.

James Márcia (1967) identificou 4 fases de aquisição de identidade própria: difusão da identidade (nesta o adolescente está aberto às diferentes possibilidades que se lhe afiguram, não se compromete); insolvência identitária (caracteriza-se pela falta de escolhas autónomas, sendo guiado pelo círculo de amigos e por figuras de autoridade); moratória de identidade (procura alternativas, quer experimentar tudo; ao contrário da fase da difusão em que espera pelas oportunidades, nesta ele quer testar-se); realização da identidade (última fase em que se forma uma identidade nova e única, que será capaz de manter com continuidade).

Para (Sprinthall&Collins, 2003), a adolescência não é então o período de tumulto, mas parece também não ser uma transição totalmente pacífica para todos os adolescentes. Poderá dizer-se que é um período de transformações e desafios em que o adolescente é confrontado com novos sentimentos e sensações, que o irão moldar até atingir um *eu*, uma identidade própria e autonomia.

1.1.1 Desenvolvimento Físico

As mudanças físicas que se observam nos adolescentes são desencadeadas por uma série de mudanças hormonais (Bee, 1997).

Segundo a mesma autora, a transformação do corpo que se estende por um período de dezoito a vinte e quatro meses, a puberdade, começa por volta dos 11 anos na rapariga e dos 12 a 13 anos no rapaz. No entanto, há variações individuais nas raparigas entre os 8 a 14 anos e nos rapazes entre os 10 a 16 anos. Fora destes limites, pode ser considerado precocidade ou atraso pubertário, não constituindo, contudo, uma patologia.

O crescimento estatural faz-se sobretudo pelo crescimento dos membros inferiores, que crescem mais depressa nos rapazes, ao passo que nas raparigas crescem primeiro os membros superiores.

Segundo os autores Ferreira e Nelas (2006) a adolescência é vista como um período de espera concedido ao adolescente, enquanto o mesmo não possui aptidão para satisfazer os compromissos adultos. No mesmo pensamento, para Leal (2000, p. 23) “a adolescência é um período como tantos outros que, vistos ao longe com o

distanciamento que os anos e os acontecimentos de vida posteriores permitem, não têm grande história”. Já Littrés (citado por Aroso et. al., 1990) transmite uma ideia mais fisiológica, pois concebe a adolescência como a idade em que os indivíduos se tornam aptos a procriar.

Segundo a OMS (1965) a adolescência é definida como um período biopsicossocial, em que ocorrem modificações corporais e de adaptação a novas estruturas psicológicas e ambientais, que conduzem o indivíduo da infância à idade adulta. É um período em que ocorrem grandes modificações físicas, psicológicas e sociais que afetam o indivíduo, sendo nesta fase da vida que o indivíduo tem consciência das alterações que ocorrem no seu corpo, dando origem a um ciclo de desorganização e reorganização do sistema psíquico, diferente em cada sexo, mas com iguais complicações conflituosas inerentes à dificuldade de compreender a crise de identidade.

Pode-se afirmar que a adolescência começa como um período crítico, o qual começa com o início da puberdade, com a entrada em funcionamento dos órgãos sexuais, ocorrendo mais cedo nas raparigas, sensivelmente depois dos dez anos, com o aparecimento da menarca, e mais tarde nos rapazes, com a possibilidade de ejacular, mais ou menos a partir dos doze anos, findando normalmente com o ganho de independência praticamente total do sujeito em relação às figuras parentais. Abre-se-lhe assim a porta à entrada da vida adulta (Leitão e Miguel, 2004). Portanto, ao nível físico, o processo de maturação pessoal que se produz na adolescência tem uma fase inicial, que é ao mesmo tempo o motor de arranque: a puberdade, o qual varia em cada pessoa, segundo o sexo, a saúde, a alimentação, o ambiente social e a cultura em que é vivido e a educação recebida.

Uma das características mais notáveis da primeira fase da adolescência prende-se com as profundas transformações fisiológicas que afetam o adolescente, tanto na sua imagem corporal como no processo da sua maturação sexual.

Na evolução normal destas mudanças fisiológicas podem distinguir-se três períodos, (Moradela, 1992): o primeiro período da puberdade, que se caracteriza por uma atividade de crescimento físico e pelo aparecimento de alguns caracteres sexuais secundários; o segundo período da puberdade, ao longo do qual se desenvolvem os caracteres sexuais primários; e o terceiro, também chamado pospubertário, em que os órgãos genitais adquirem o desenvolvimento e funcionamento completos. Este período prolonga-se por toda a adolescência.

Portanto, o desenvolvimento físico processa-se de forma diferente entre as raparigas e os rapazes. Nas raparigas, a evolução pubertária e o crescimento maturativo ocorrem mais cedo que nos rapazes. No mesmo sexo, também há variações de indivíduo para indivíduo no que diz respeito ao início das alterações físicas.

Contudo, uma vez iniciadas estas alterações, o processo é sequencial. Num período relativamente curto, o corpo da criança sofre um conjunto de transformações fisiológicas e morfológicas fundamentais, assinaladas, como já vimos, pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários e do desenvolvimento do sistema reprodutor, comandados por mecanismos hormonais. As funções que indicam maturação sexual são a ovulação, na rapariga, e a espermatogênese, no rapaz, que vão possibilitar a capacidade de procriação.

Em suma, no plano físico ou biológico assistimos à transformação do organismo infantil num organismo adulto. Ceballos (1999) afirma que “Nele está incluído um considerável crescimento em estatura e peso, a maturação sexual e a capacidade para a reprodução”.

1.1.2 Desenvolvimento Cognitivo

Embora menos visíveis do que as transformações físicas, são também marcantes as que se operam na capacidade do adolescente para raciocinar, pensar e resolver problemas. A atividade mental sofre também uma reestruturação completa. O adolescente adquire o pensamento abstrato.

Piaget identificou quatro estádios do desenvolvimento intelectual, correspondendo o último desses estádios à adolescência, o chamado estágio formal, que surge depois dos 12 anos e encontra estabilidade cerca dos 15 anos, quando o adolescente adquire o raciocínio hipotético-dedutivo (Coslin, 2002).

Os adolescentes têm uma capacidade maior face ao pensamento infantil para pensar sobre possibilidades, antever resultados, refletir sobre os seus pensamentos e os de outras pessoas (Sprinthall&Collins, 2003).

No estágio formal, o adolescente consegue raciocinar sobre hipóteses, não se limitando ao domínio de um real, direta e concretamente acessível, passando a considerar o real através da sua inclusão no universo dos possíveis. Este domínio do

raciocínio hipotético-dedutivo pressupõe dois fatores: um social (saindo do seu próprio ponto de vista, para se colocar em todos os pontos de vista); e outro que leva a imaginar este mundo possível (Coslin, 2002).

Ainda segundo Coslin (2002), o último estágio, formal, é contemporâneo da puberdade, sendo nesse último estágio que o adolescente se vai soltar do real e formular hipóteses. É nesse momento que o seu pensamento e a sua imaginação vão fluir e ganhar personalidade.

1.1.3 Desenvolvimento Psicológico

Ao longo do desenvolvimento, desde a infância até à idade adulta, a aprendizagem social vai ter um papel importante, sendo sobretudo os pais, e também os colegas, os principais agentes socializantes (Coslin, 2002).

É possível distinguir quatro fases na evolução psicológica de um adolescente segundo Braconnier e Marcelli (2000), nomeadamente a instalação da adolescência, marcada por mudanças corporais, pela necessidade de se fechar sobre si mesmo, solidão, e movimentos afetivos cada vez mais contraditórios face aos outros e em especial face aos pais; a primeira adolescência propriamente dita, época do amigo idealizado, com quem partilha as tristezas, dificuldades, sonhos e amores. Este amigo ocupa um lugar importante, chegando a rivalizar com os pais. Altura do primeiro amor e da procura da primeira relação sexual; fim da adolescência, que marca a consolidação da representação de si próprio enquanto sujeito – é a fase da formação do carácter; por último, a pós-adolescência, entrada no mundo adulto, mas mantendo-se ligado à infância por certos fatores.

A adolescência é um processo que tem, sem dúvida, desafios e dificuldades para os mesmos; no entanto, é uma etapa da vida que decorre na maioria dos casos sem entrar no campo da patologia. Há adolescentes que vivem esta etapa sem ansiedade, depressão ou grandes conflitos, há outros mais inclinados para a ansiedade e conflitos.

No plano psicológico, a maturação é centrada na passagem do pensamento concreto, típico da criança, para o pensamento abstrato próprio do adulto. Com o desenvolvimento deste tipo de pensamento - denominado formal ou hipotético-dedutivo - o adolescente passa, agora, segundo os autores Clães (1990) e Sprinthal e Collins

(1994), a conseguir fazer a coordenação das operações, o que não acontecia até aqui. O adolescente passa a ser capaz de raciocinar por hipóteses.

O adolescente aprende a fazer uso das suas capacidades mentais em desenvolvimento e, simultaneamente, procura ajustar-se às mudanças físicas, as quais podem aumentar ou diminuir a sua auto-estima. A capacidade para raciocinar, para avaliar e julgar e para usar pensamentos divergentes, com o objetivo de encontrar ideias novas, aumenta durante este período

Este desenvolvimento vai influenciar todas as atitudes do adolescente diante das situações que a vida lhe apresentar, tanto no campo físico, como no campo emotivo, social, ético, e cultural.

Campos (1975, p. 37) refere que: “o pensamento mágico, fabulador, que predomina na infância cede lugar ao pensamento baseado nas evidências dos factos reais. A criança que sempre esperava pelo extraordinário, pela intervenção da fada que modifica o panorama da logicidade e da fatalidade dos acontecimentos, passa a procurar as relações causa efeito, no que ocorre ao seu redor”.

A partir deste momento, o adolescente já é capaz de raciocinar, refletir e discutir, adquire o estatuto de igual no plano intelectual, frente ao adulto.

Para Faw (1974), se o adolescente é fisiologicamente adulto, também o é intelectualmente, ou seja, a sua inteligência atinge a forma final, com a passagem ao pensamento formal e abstrato, o que permite ao adolescente raciocinar por proposições e ideias. Este período das operações formais corresponde ao quarto e último estágio de Piaget. Este autor considera que, com o acesso ao pensamento formal, forma suprema de pensamento, se produz um salto qualitativo em relação ao estágio infantil no desenvolvimento.

A capacidade de reflexão tem um papel fundamental na descoberta do *eu*, na formação de identidade pessoal e na personalização da vida moral.

A evolução mental aliada ao aumento do espírito crítico levam o adolescente a criticar a família, a escola e a sociedade em geral, que conseqüentemente vai levar a que o adolescente se sinta frustrado e insatisfeito com tudo o que agora é capaz de perceber e entender.

O adolescente, alcançando a fase de luta pela maturidade de adulto em todos os aspetos da vida, também precisa lutar para se tornar maduro emocionalmente. Um indivíduo emocionalmente maduro é capaz de satisfazer as suas necessidades, impulsos e desejos razoavelmente bem, logo é capaz de responder às exigências da sociedade.

1.2 Fatores que influenciam a educação e comportamento dos adolescentes

1.2.1 A Família

A família é o primeiro espaço da criança, é onde nascemos, crescemos e morremos, onde aprendemos a relacionar-nos com os outros, através da linguagem, do contacto corporal, com base em ligações afetivas fortes, tais como a fraternidade, filiação e amor (Alarcão, 2006).

A imagem tradicional da família composta pelo pai, mãe e filho(s) continua a existir nos dias de hoje; no entanto, existem novas formas de família, que rompem com a tradicional visão de um grupo de pessoas ligadas por laços de sangue, tendo por base o casamento.

No conceito clássico de família temos um triângulo constituído por pai, mãe e filho(s), que dão origem à família nuclear. Temos depois uma família extensa que é constituída pela família nuclear mais tios, avós ou membros originários do casamento dos filhos (Amaro, 2006).

Relvas (1996) entende a família como um sistema, uma rede de relações e emoções onde encontramos vários tipos de organizações, como as famílias nucleares sem filhos biológicos, as que têm filhos biológicos, as famílias monoparentais, só com pai ou só com mãe e que têm vindo a aumentar, famílias reconstruídas, alargadas, adotivas e de acolhimento. Podemos distinguir dentro do sistema que é a família vários subsistemas: Individual, em que o indivíduo desempenha o seu papel na família, e noutros sistemas a que pertence e que influenciam o seu papel na família; Parental, tem a ver com as funções de proteção e educação dos mais novos; Conjugal, diz respeito ao casal; Fraternal, diz respeito às relações entre irmãos. Perante estes subsistemas, é importante a forma como todos se inter-relacionam, para a definição da estrutura familiar.

Apresentamos seguidamente outras definições de família. Para Murdock (citado por Amaro, 2006, p.16), “A família é um grupo social caracterizado por residência em comum, cooperação económica e reprodução. Inclui adultos de ambos os sexos, dois dos quais, pelo menos mantém uma relação sexual socialmente aprovada, e uma ou mais crianças dos adultos (...)”. Apesar de controversa esta perspetiva pareceu-nos interessante por se contrapor em relação a outras. Já Giddens (2004, p.175) define a família como “um grupo de pessoas unidas diretamente pelo parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade”. Para a OMS (1994), família é muito mais do que apenas laços de sangue, casamento, uma conexão de cariz sexual ou adoção. Esta definição parece-nos mais interessante, no momento atual, pois realça a importância da confiança, do suporte mútuo e da existência de um destino comum. Tudo isto forma uma família.

O INE (2001), fonte de muita da informação estatística sobre as famílias portuguesas, distingue entre famílias clássicas, aquelas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, sendo também uma família clássica qualquer pessoa independente que ocupa uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento, e famílias institucionais, que são aquelas em que um conjunto de pessoas reside num mesmo alojamento independentemente da relação de parentesco, e observa uma disciplina comum.

Introduz o elemento alojamento para definir família, contudo esta ideia que cada família tem o seu próprio alojamento não é absoluta. Por exemplo, basta pensarmos nos idosos que durante o dia estão na casa dos filhos, muitas vezes a desempenhar o importante papel de avós, ajudando, mas que no fim do dia regressam à sua própria casa.

Outra realidade muito atual é a que decorre da crise económica e financeira que se abateu sobre Portugal. O desemprego está a mudar esta noção de uma família, uma casa. Isto porque devido às dificuldades em cumprir encargos financeiros, por terem caído no desemprego, muitos filhos estão a regressar a casa, por vezes já casados e com filhos. Temos, no fundo, uma família alargada.

Facilmente se compreende a dificuldade em elaborar uma definição absoluta de família. Além de ser uma instituição em constante evolução, tem várias dimensões. Tem uma dimensão estrutural, que diz respeito à forma como se adquire a qualidade de membro da família, por exemplo duas pessoas tornarem-se parentes. Tem, também, uma dimensão funcional que visa dar resposta às necessidades dos seus membros, por

exemplo educar as crianças. Por último, a dimensão relacional que assenta no tipo de relação que há entre os membros, por exemplo relações afetivas

Quanto à forma como a família se constitui, o casamento continua a ser a forma mais frequente, apesar de as novas famílias estarem a crescer. Segundo o INE (2011), o maior grupo da população é casado, 47%. No Ocidente, o casamento pressupõe uma união monogâmica, heterossexual, socialmente aceite, da qual derivam direitos e deveres quanto aos filhos do casal (gerados ou adotados). Com a legalização do casamento homossexual, este conceito também se aplica aos casais homossexuais.

Também é possível dividir a família em família de orientação, onde nascemos, e família de procriação, que é a família que surge quando o indivíduo deixa a primeira e constitui a sua própria família (Amaro, 2006).

Mais importante do que definir família ou saber qual o tipo de família em causa, é a qualidade do ambiente e a funcionalidade da mesma. A funcionalidade manifesta-se pela capacidade de adaptação, partilha de problemas e decisões.

É importante a capacidade e a disponibilidade que a família tem para os seus próprios membros, a compreensão das necessidades e disponibilidade para estabelecer relações afetivas (Niven, 2004).

A família é o espaço mais importante para os jovens. Segundo um estudo realizado em França, sete em cada dez adolescentes consideram que a vida familiar é vivida agradavelmente (Choquet & Ledoux, 1994 citado por Coslin, 2002).

É na família que acontece a maioria das aprendizagens sociais acerca de pessoas, situações e capacidades individuais e serão de grande influência. Durante a adolescência, o jovem forma a sua própria identidade e alcança a sua autonomia, e para tal é importante o papel da família, sobretudo dos pais (Sprinthall & Collins, 2003).

Grandes investigações sobre os estilos parentais foram realizadas por Diana Baumrind. De acordo com a autora (Sprinthall & Collins, 2003), é possível identificar três tipos de estilos: Autoritário, com pais controladores e severos que reprimem a divergência daquilo que entendem ser o comportamento mais próprio; Permissivo, com pais pouco exigentes, que raramente exercem qualquer tipo de autoridade sobre os filhos no sentido de os educar; Autorizado, com pais com um estilo que reúne características dos dois estilos anteriores. Têm um objetivo preciso quanto à educação dos filhos, procurando orientá-los usando a razão e o diálogo, mas sendo firmes no que diz respeito ao comportamento, usando a recompensa e a punição.

Baumrind concluiu que as crianças de famílias com estilo autoritário eram menos auto-confiantes, mais desconfiadas, com tendência para o isolamento, mais submissas e dependentes. No estilo autorizado, as crianças eram mais autoconfiantes, mais satisfeitas e curiosas. No estilo permissivo, embora autoconfiantes, era menos responsáveis.

Baumrind refere que estas diferenças se mantinham na adolescência e constatou que a autonomia estava ligada aos estilos parentais (Fleming, 1993).

Um outro estudo, tendo por base uma amostra de mais de sete mil estudantes do 7º ao 12º ano, procurou estudar as implicações dos estilos parentais no comportamento. As famílias foram divididas em autocráticas (estilo autoritário de Baumrind), democráticas (estilo autorizado de Baumrind) e permissivas (Elder, 1963 citado por Fleming, 1993). Como resultado deste estudo, os autores salientaram que os adolescentes de Elder revelaram o mesmo que as crianças de Baumrind, ou seja, o ambiente familiar em que foram educados manifestou-se no seu carácter. Os adolescentes de famílias democráticas eram mais autoconfiantes e independentes, com maior autonomia do que os de famílias autocráticas. Concluiu-se que as famílias que explicam as suas decisões como forma de legitimarem o seu poder, têm filhos com maior autonomia.

As famílias com ambiente de carinho e aceitação, onde há diálogo e compreensão, têm mais probabilidades de terem filhos que vêm os pais como modelos a seguir. Na maioria dos casos verifica-se que a continuidade entre infância e idade adulta é maior quando há essa identificação (Sprinthall & Collins, 2003).

Um estudo realizado junto de jovens revelou que mais de sete em cada dez jovens se avaliam regularmente em comparação com os pais, tanto em termos profissionais como de relacionamento pessoal (Glasman, 2002 citado por Niven, 2004).

A Autonomia é a tarefa desenvolvimental mais importante da adolescência. As famílias democráticas estão mais próximas daquilo que se pode considerar uma família saudável e estão ligadas a adolescentes com maior autonomia (Fleming, 1993).

A Autonomia é característica dos pais que encorajam a preparação gradual dos filhos, estilo democrático, sendo que os jovens autónomos descrevem os pais como orientadores e preocupados, mas não severos (Douvan & Adelson, 1966 cit. em Fleming, 1993).

A adolescência é considerada por muitos como um fenómeno universal que acontece em todos os povos e em todos os lugares. O início e a duração deste período

evolutivo variam de acordo com a sociedade, a cultura e as épocas, ou seja, esta fase evolutiva apresenta características específicas, dependendo do ambiente sociocultural e económico no qual o indivíduo está inserido (Osório, 1996).

No entanto, o conceito de adolescência é uma construção recente do ponto de vista sócio-histórico, sendo esta fase a do desenvolvimento humano que tem início a partir das mudanças físicas que ocorrem com os indivíduos a partir da puberdade. Neste sentido, é importante destacar que puberdade e adolescência correspondem a dois fenómenos específicos, ou seja, enquanto a puberdade envolve transformações biológicas inevitáveis, a adolescência por si refere-se aos componentes psicológicos e sociais que estão diretamente relacionados aos processos de mudança física gerados neste período (Osório, 1996). Assim, em algumas sociedades consideradas mais simples, essa etapa do ciclo evolutivo pode ser breve, enquanto em sociedades evidenciadas como tecnologicamente mais desenvolvidas, a adolescência tende a prolongar-se (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002).

O diálogo nessa etapa do desenvolvimento assume um papel fulcral, apesar de muitas vezes os adolescentes se fecharem no seu *mundo* próprio. Devido a essa tendência à reclusão e à busca de refúgio na fantasia e no devaneio, o diálogo com os membros da família, nessa etapa da vida, é essencial, pois é justamente nesse período que eles mais necessitam da orientação e da compreensão dos pais, sendo que todo o legado que a família transmitiu aos mesmos desde a infância continua sendo relevante (Drummond & Drummond Filho, 1998). A falta de diálogo no ambiente familiar pode, portanto, acarretar ou, em certos casos, acentuar algumas dificuldades, principalmente em termos de relacionamento, podendo afetar até mesmo o bem-estar e a saúde psíquica dos adolescentes.

1.2.2 Divórcio. Rutura da família

Em 2011 houve 36.035 casamentos em Portugal, cerca de metade quando comparado com 1960, e 26.751 divórcios. Em 1960 houve apenas 749 divórcios registados. Os números falam por si quanto à dimensão deste fenómeno na sociedade portuguesa.

Existem várias razões para o crescimento das taxas de divórcio nas últimas décadas (Delgado, 1996), nomeadamente o aumento da esperança média de vida; a independência financeira e social da mulher e a maior importância dada à satisfação sexual no casamento.

O divórcio é um acontecimento quase banal nos dias de hoje. Apesar dessa quase normalidade, tem repercussões psicológicas, financeiras e sociais, não só no homem e mulher, mas também nos filhos.

A maioria dos estudos realizados sobre este tema conclui que o divórcio tem consequências indesejáveis em crianças, adolescentes e jovens adultos (Oliveira, 2002).

“ Só a título de exemplo pode-se dizer que, em geral, os filhos de pais divorciados têm mais dificuldades na vida: menos acabam um curso superior, o seu ordenado médio é inferior, têm mais tendência a divorciar-se eles próprios, e a incidência de vícios (droga, tabaco, álcool e jogo) é superior” (Plano X, 2004, 14).

É frequente um divórcio implicar dificuldades também ao nível económico, mudança de residência, novos vizinhos, escola e colegas. Os primeiros dois anos, habitualmente, são uma etapa de rutura emocional, quer para as crianças, quer para os adolescentes, parecendo após este período inicial diminuir o efeito disruptivo (Sprinthall & Collins, 2003).

As famílias onde existe esta rutura podem ser divididas em quatro níveis (Alarcão, 2006) designadamente: Subsistema conjugal- deixando de haver conjugalidade, onde um dos filhos pode assumir o papel de par conjugal, com consequências a nível emocional, cognitivo e individual; Subsistema parental- o progenitor único assume com bastante afinco o papel de educador, porque deixa de haver a partilha de tarefas entre os pais; Subsistema fraternal- podendo surgir alterações na relação entre irmãos, sobretudo quando um assume o papel de figura de autoridade, substituindo o progenitor em falta; Subsistema individual- deixando de haver um modelo de identificação, pode tornar-se mais difícil a construção de uma identidade própria.

Sendo a adolescência, por si só, não aquele mito de turbulência e agitação de Stanley Hall, apesar de ainda hoje ser essa a imagem que a sociedade tem da adolescência (Sampaio, 2006), mas antes um tempo em que importantes mudanças físicas e psicológicas acontecem, se a isso lhe juntarmos a rutura da família, facilmente compreendemos o quão mais difícil será a adolescência.

Contudo, devido ao grande número de divórcios que hoje acontecem, o estigma que noutros tempos andava associado a ser filho de pais divorciados, deixou de existir em grande medida, sobretudo nos meios urbanos.

O ciclo vital evolutivo da família é dinâmico (Osório, 1996; Tallón & cols., 1999) e marcado por eventos críticos previsíveis (nascimento, adolescência, casamento dos filhos, entre outros) e por eventos críticos não previsíveis (separações, doenças, perdas, entre outros), os quais causam grande impacto no contexto familiar, provocando um aumento da pressão e uma desorganização dentro deste contexto, o que acaba influenciando diretamente no processo de desenvolvimento da família (Scabini, 1992). Ou seja, os eventos que marcam o ciclo evolutivo familiar, tanto previsíveis quanto imprevisíveis, provocam uma crise no funcionamento da família, a qual necessita ser solucionada para que haja a manutenção da saúde familiar (Scabini, 1992), pois afeta todos os membros da família, como a que acontece, por exemplo, no período da adolescência, considerado como uma fase do ciclo vital familiar que provoca intensas transformações relacionais, especialmente entre pais e filhos (Sudbrack, 2001).

Segundo os autores Cerveny e Berthoud (2001), os pais e os filhos encontram-se em momentos diferentes de transformação, ou seja, os adolescentes costumam questionar valores e regras familiares, preocupando-se intensamente com o futuro, enquanto os seus pais se encontram numa etapa de questionamento profissional, de reflexão e de transformação, também repensando o futuro. É, portanto, necessário que a família supere as crises pelas quais passa e consiga modificar-se, englobando as diferenças e mudanças pessoais dos membros que a constituem. Destaca-se que a saúde familiar depende da capacidade de superação das crises, mas também da boa qualidade das relações entre os membros da família e da boa qualidade das trocas familiares com o meio social no qual está inserida (Scabini, 1992). Neste sentido, a harmonia, a qualidade do relacionamento familiar e a qualidade do relacionamento conjugal são aspetos importantes que exercem influência direta no desenvolvimento dos filhos, podendo influenciar até mesmo no possível aparecimento de défices e transtornos psicoafectivos nos indivíduos (Tallón & cols., 1999).

1.2.3 A Escola

Em meados ou fim da adolescência, os jovens *descobrem* o prazer de pensar e dedicam-se a discussões entre amigos sobre os mais variados temas que lhes interessam, como política, moda, globalização, música, pobreza no planeta, etc. O lugar por excelência onde pensar é a atividade dominante é a escola (Boisvert, 2006).

O ingresso da criança no sistema de ensino é marcante, não apenas para ela, mas também para a família que, de certa forma, se vai expor e colocar sob apreciação da comunidade, através da criança e do seu comportamento e desempenho escolar (Oliveira, 2002).

Estudos mostram que imediatamente a seguir aos colegas, os adolescentes colocam a escola como a sua segunda preocupação, mas à frente do lazer, das relações amorosas e dos pais (Braconnier & Marcelli, 1999).

Não será de estranhar, dada a importância que o adolescente atribui à escola, que ele espere da escola algo mais do que uma mera aquisição de conhecimentos. Espera também da escola a possibilidade de desenvolvimento pessoal. A escola passa mesmo a ser o principal agente socializante, substituindo a família.

A escola tem por isso como objetivo não só a preparação profissional, a transmissão de ensinamentos, mas também a preparação social dos jovens (Costa, 2002).

A escola vai funcionar como uma correia de transmissão de valores, através dos seus programas, atividades e das relações informais que os jovens estabelecem nela.

Apesar da maioria dos jovens considerar a sua passagem pela escola como boa, a relação que com ela estabelecem pode ser problemática, em alguns casos.

Para Coslin (2002), o sucesso escolar é o resultado da interação de vários fatores, entre os quais estão as possibilidades intelectuais, a autoestima, a eficácia no trabalho, autodisciplina e também a capacidade de diferir gratificações.

Vários autores relacionam o insucesso escolar com diversos tipos de inaptações. E não será difícil compreender que um aluno não sobressairá num ambiente onde apenas recebe más notas, onde é reprimido e onde sofre de um

sentimento de desvalorização e incompetência, face aos seus próprios olhos e perante os colegas. Tais sentimentos irão consequentemente desencorajar o adolescente do trabalho escolar e a não atingir os objetivos propostos. O jovem poderá então interiorizar o insucesso, conformar-se com uma ideia de que não é inteligente, não sendo apto para a competição escolar e social (Compas, 1983 citado por Coslin, 2002).

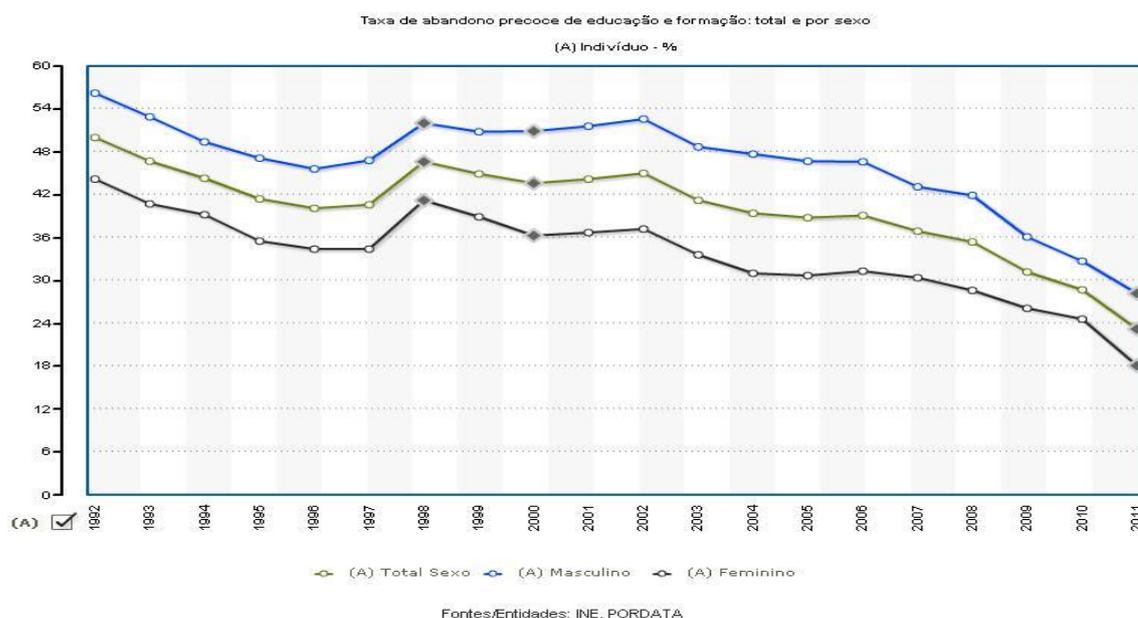
As causas do insucesso escolar podem agrupar-se da seguinte forma, atendendo à abordagem de Marcelli & Braconnier (1999): Causas relacionadas com disfunções cerebrais ou somáticas; Causas relacionadas com situações sociofamiliares; Causas relacionadas com uma crítica institucional onde coloca em causa as finalidades elitistas da escola; Causas relacionadas com vivências patogénicas no seio da família.

Temos assim abordagens que colocam a tónica no sistema (docentes, pedagogia, ritmos escolares) e outras que acentuam o papel da família e do indivíduo (carências socioculturais ou familiares, fraqueza intelectual, distúrbios cognitivos).

Perante esta dificuldade em desempenhar um papel bem-sucedido na escola, surge o risco de abandono escolar, de rompimento com a escola, fugindo, desta forma, ao problema.

O gráfico 1 mostra a evolução da taxa de abandono escolar precoce nos últimos 19 anos. Apesar da diminuição, em termos globais, o abandono escolar nos rapazes continua a ser superior ao das raparigas.

Gráfico 1–Taxa de abandono escolar



A entrada no 3º ciclo coincide aproximadamente com o início da adolescência, 12 a 13 anos. Com esta passagem, deixam de ser os *grandes* do ciclo anterior e passam a ser os *pequenos* deste. É por isso normal um período de ajustamento, durante o primeiro trimestre, sem causas para alarme, face às novas exigências e ao *stress* que esta mudança pode provocar, podendo o rendimento escolar decair.

De facto, face à escolaridade, nem todos os adolescentes são iguais; obedecem a ritmos diferentes, tem necessidades sociais, físicas e afetivas diversas. Uns são sonhadores, outros tímidos, uns são faladores, outros calados.

A própria escola é importante, porque nem todos os jovens se dão bem em grandes escolas e preferem um ambiente escolar mais pequeno. Há os que preferem escolas mais rígidas, onde são mais controlados. O estilo de escolaridade deve estar, tanto quanto possível, em harmonia com a personalidade do jovem (Boisvert, 2006).

Compete aos pais o papel de ajudar os jovens a focarem-se, fixando objetivos razoáveis, encorajar e fazer observações construtivas, reconhecer o direito ao erro e ao insucesso, em certa medida. Contudo, é importante a responsabilização dos jovens pelo desempenho escolar.

O jovem deve desenvolver o desejo pelo êxito, deve ter brio em desempenhar bem esta tarefa, o que não significa perfeição. A pressão dos pais pode ser contraproducente.

Os pais devem valorizar a escola e confiar nos docentes. O contrário pode servir de alibi para o insucesso, ou seja, se os pais encaram a escola ou o professor com censura, essa atitude pode ser vista pelo aluno como uma desculpa para a sua performance escolar, não se empenhando como deve.

Os pais devem envolver-se mais com a escola, encontrarem-se regularmente com os professores. O êxito na escola também depende da família, o resultado escolar não está totalmente dissociado de um bom ambiente familiar.

Igualmente preocupante pode ser a situação oposta, os adolescentes de excelência. Se na sociedade em geral é visto como algo extremamente positivo e a mesma valorizar esta vertente do desempenho escolar, não deixa de ser verdade que estes adolescentes, normalmente raparigas, podem estar a colocar de lado a vida social e familiar, direcionando toda a sua energia para a excelência, aumentando o stress de perfeição e o empobrecimento de outras esferas das suas vidas, igualmente importantes.

Não têm tempo para os amigos, a família, namoros, etc. Estes adolescentes correm riscos maiores de esgotamento, ansiedade e depressão (Boisvert, 2006).

A escola, sem perder a sua finalidade de instruir, tem também uma função de socialização. Ela é a segunda unidade social que o jovem conhece, depois da família. A família delegou no sistema escolar muitas das funções educativas e hoje a sala de aula é para muitos uma oportunidade de interiorizar regras e de criar um conjunto de valores essenciais à vida (Sampaio, 2002).

Tem-se valorizado a função da escola de tal modo que esta passou a ser considerada uma componente essencial dos alicerces da sociedade (Costa, 2002).

1.3 O Lazer nos Adolescentes

Na adolescência iniciam-se muitos dos comportamentos relevantes para a saúde, tal como as escolhas alimentares e o exercício físico, por exemplo, comportamentos que influenciam a morbidade e mortalidade nesta fase da vida de cada jovem (Oliveira, Albuquerque, Carvalho, Sendin & Silva, 2009). Os mesmos autores referem a educação para a saúde nos adolescentes como uma área a ter bastante atenção, pois nesta fase pode existir uma experimentação de comportamentos de risco e o início de padrões que se mantêm na vida adulta. É fundamental reconhecer e estimular precocemente hábitos alimentares saudáveis, estabelecendo e reforçando os mesmos costumes nesta fase e sobretudo os comportamentos futuros, na vida adulta. Portanto, a aprendizagem de estilos de vida saudáveis deve iniciar-se desde muito cedo, sendo essencial que as crianças e os adolescentes aprendam a apreciar a prática de desporto, quer na escola como nos tempos de lazer (Oliveira, et. al., 2009).

Para Marques e Gaya (1999), a escola pode situar-se no centro das preocupações com a educação para a saúde. Este facto torna assim a escola numa instituição privilegiada de intervenção. Devem ser garantidas por esta, estratégias que permitam ao aluno reconhecer as bases de apoio à manutenção da sua saúde. Assim, a escola deve ser uma fonte de informação, e conceder meios que suportem a manutenção da saúde no futuro (Mota, 1999).

Aliados à escola devem surgir os clubes; juntos, devem proporcionar a formação desportiva e motora dos jovens, conseguida através da formação pedagógica do professor de educação física (Marques, 1999).

O período da adolescência é, assim, marcado pelo crescimento, havendo importantes modificações corporais, tornando os adolescentes vulneráveis a excessos e desequilíbrios nutricionais (Oliveira, et. al., 2009).

Os adolescentes podem apresentar sentimentos negativos acerca de si próprios, com as transformações que sofrem na aparência física (Anastácio & Simões, 2006). Para além das alterações do ponto de vista biológico, em que o adolescente tem que se confrontar com o seu corpo em transformação ao nível da estatura, peso, distribuição de massa adiposa, problemas na pele, mudança de traços fisionómicos e mudanças ligadas ao aparecimento de características sexuais secundárias (peito, pelos púbicos, voz), também do ponto de vista afetivo, cognitivo e social, se fazem sentir essas alterações (Nodin, 2001).

Os *media* têm um papel importante e uma forte penetração na sociedade. Além do seu papel de informar, têm também um papel formativo. Essa vertente formativa adquire mais relevo no caso dos jovens, consumidores ávidos de informação e especialmente sensíveis às novas tecnologias.

Num estudo sobre o público da comunicação social em Portugal, (Rebello, 2008) concluiu-se que a televisão continua à frente da *Internet* quanto à frequência de uso e que, em crianças entre os 10 e 14 anos, a televisão estava presente em 78% dos quartos.

Segundo o mesmo estudo, a televisão é o *media* que mais influência exerce sobre os adolescentes e é aquele que está presente no dia a dia dos mesmos por grandes períodos de tempo, estando presente em 99,3% dos agregados.

O fascínio que ela exerce não é difícil de compreender, afinal de contas todos nós, ou quase, nos rendemos a ela há muito tempo. No entanto, para os jovens, ela é ainda mais sedutora. A televisão é rápida, tal como os jovens, apela a todos os sentidos, ao passo que a escola é lenta, centrando-se na palavra e em conhecimentos históricos.

A escola deve aceitar a televisão como um complemento e não como um oponente que lhe dificulta o trabalho ou como concorrência.

Oliveira (2002) refere que apesar de algumas influências negativas, no que toca à violência e erotismo, os contributos positivos devem ser aproveitados, quer pela escola, quer pela família.

A exposição à televisão inicia-se bem cedo, quando a criança, ainda antes de se segurar de pé sozinha ou andar, é colocada em frente à caixinha mágica. Quando a criança ingressa no sistema de ensino, já terá no seu curriculum uma grande quantidade de horas de televisão; por isso, a sua importância enquanto agente socializante, introduzido pela família, não é de menosprezar.

Goodman (citado por Matos, 2006) considera que a televisão deve integrar o conceito atual de família; quer isto dizer que, para o autor, quando falamos em família, devemos incluir a televisão, isto porque os membros da família interagem entre si e com a televisão, a nível individual e familiar. Assim, é óbvia a necessidade de regras para a sua utilização ou para certos conteúdos que incluam violência ou sexo. Não é de menor importância os pais conhecerem os programas preferidos dos seus filhos e ver um ou outro episódio, bem como assistir a programas de televisão com os filhos. Deste forma, os pais ficam a conhecer os programas preferidos, quais os assuntos que lhes interessam e podem mais facilmente definir se esse programa é ou não adequado para os filhos (Matos, 2006).

É habitual, e até normal, os pais manifestarem apreensão ou preocupação pelo número de horas que os filhos passam em frente a um computador, rivalizando com a televisão. Se por um lado é importante a introdução do computador, visto ser uma ferramenta imprescindível enquanto meio de informação, comunicação e lazer, por outro, o seu uso excessivo e sem regras constitui um problema. O computador estava presente em 57,2% dos lares em 2010 (Matos, 2006).

O computador coloca dois desafios aos pais. Um deles, com mais expressão nos rapazes, é o da atenção que os adolescentes dedicam aos jogos de computador. Um jogo permite que qualquer jovem se transforme em poucas horas ou dias num campeão mundial de Fórmula 1 ou num comandante de uma frota intergaláctica invencível. Não é de admirar por isso o fascínio que os jogos exercem sobre os adolescentes; eles permitem sensações fortes e rápidas, algo que é próprio dos adolescentes. A gratificação é rápida e o esforço necessário é baixo, quando comparado com aquele que é necessário para se praticar, por exemplo, uma atividade desportiva. Também é importante o secretismo da derrota: quando o jogador perde, fica entre ele e o jogo, ao contrário do que acontece no mundo real, em que o falhanço fica à mostra de todos (Matos, 2006). Este mundo virtual é muito diferente do real e os jovens correm o risco de dependência desta facilidade em obter sucesso, de terem uma visão irreal das exigências que o mundo nos coloca para alcançarmos os nossos objetivos (Boisvert, 2006). No mundo

real, para se praticar uma atividade, física ou mental, como o atletismo ou o xadrez respectivamente, são precisas horas de dedicação ao longo de anos.

O segundo desafio que o computador coloca aos pais é o acesso à Internet e em particular às redes sociais e às salas de conversação, conhecidas como *chats*.

Vivemos numa sociedade, o mundo está à distância de um *clic*. Assistimos a uma combinação de relacionamento virtual e presencial (Cardoso et. al, 2005). Muitas vezes temos relacionamentos que são completamente virtuais, com pessoas que nunca chegamos a conhecer pessoalmente, as chamadas amizades *online*. Invoca-se frequentemente o perigo de isolamento dos utilizadores de *internet*; contudo, estudos indicam que tal não acontece (Castells et. al., citado em Cardoso et al, 2005). Na maioria dos casos, as pessoas indicam a *internet* como um fator positivo no seu ânimo e na diminuição da sensação de isolamento.

Quer com a televisão, quer com o computador, a atitude dos pais deve ser supervisionar e regular a exposição dos adolescentes. Ambos têm um papel importante na sociabilização dos jovens, devendo os pais usá-los como complemento, não como alternativa e muito menos tentar proibir completamente o seu uso. O fruto proibido é o mais apetecido e na adolescência talvez mais.

A televisão, os jogos de computador e a *internet* fazem parte da sociedade, tal como a conhecemos, em especial fazem parte do mundo dos jovens. Bem utilizados são ferramentas úteis não só para os jovens e para a sua relação com o mundo, mas também para os pais na sua relação com os filhos.

Independentemente do tempo, lugar ou modo, há algo que é característico da adolescência: os colegas, os grupos, entre outros. Fazer parte de um grupo e ter amigos faz parte do desenvolvimento do adolescente (Braconnier & Marcelli, 2000) e onde passam o seu tempo de lazer.

Os grupos não são uma realidade nova que surge na adolescência. Antes desta, na infância, já a criança tem o seu grupo, criado em função do bairro ou da escola, normalmente agregando-se por sexo.

Na adolescência, os grupos são mais bem definidos e estruturados do que na infância. Há uma maior propensão para partilhar segredos com amigos do que com os que não são amigos e é-se mais empático com os amigos. Quer na forma como vêm os amigos, quer no comportamento com eles, as amizades dos adolescentes são diferentes das que tinham em criança (Sprinthall & Collins, 2003). O nível de integração e envolvimento no grupo é diferente. Agora, o adolescente já não procura apenas

convivência ou uma mera socialização, procura algo mais profundo, sentimentos, confiança recíproca, lealdade, partilha de experiências e interesses comuns, receando a rejeição.

O adolescente vai procurar aquilo que ele aspira, ou seja, aquelas qualidades que ele próprio procura alcançar. As características pessoais do amigo são fulcrais na relação. Como diz Zazzo (1996, citado por Coslin, 2002): “O amigo apresenta funções de importância desigual: é o espelho no qual o jovem procura reconhecer-se, o reflexo que tende a fixar a sua própria realidade; mas também é o parceiro oriundo do mundo exterior cujo olhar não é fraterno, já que forma um bloco com ele contra os outros.”

CAPÍTULO II – Os Consumos enquanto fatores de risco e de lazer na adolescência

2.1 Comportamentos de Risco e Protetores

A noção de risco adquiriu, na sociedade contemporânea, um papel central (Beck, 1992). O risco pode ter uma dimensão coletiva que engloba as ameaças que podem resultar de proliferação e generalização da ciência e tecnologia, e uma dimensão individual que resulta da imprevisibilidade do futuro como fonte de stress e vulnerabilidade. Esta última é particularmente importante no mundo juvenil, que se depara com novos riscos e oportunidades, que, na maioria dos casos, os seus pais não conheceram e não vivenciaram.

Segundo a OMS (1993), os adolescentes são um dos grupos etários mais saudáveis.

A adolescência é a fase da vida em que maior predisposição existe para adotar comportamentos de risco, para experimentar novas sensações, novas emoções, novos limites. A esta predisposição junta-se a pressão exercida sobre os jovens pelos colegas, *peerpressure*, e pelos *media* no sentido de adotarem esse tipo de comportamento. O jovem que é calmo e ponderado, não é visto da mesma forma pelos colegas e pelos

adultos. Enquanto um adulto reconhece aquelas qualidades, e valoriza-as, é mais provável que os seus colegas o vejam como um chato, um tipo aborrecido, correndo o risco de ser excluído do grupo.

O risco, como parte integrante da vida, mas com uma dimensão muito própria durante a adolescência, não é apenas prejudicial, nem podemos dizer que o risco deve ser totalmente eliminado da sociedade. É necessário um compromisso entre o risco e a atividade. Por exemplo, praticar um desporto envolve sempre um nível de risco, que não pode ser totalmente eliminado, mas também tem os seus benefícios para a saúde física e mental dos praticantes.

Na adolescência podemos identificar vários tipos de comportamentos de risco. Há os que envolvendo algum tipo de risco, fazem parte do crescimento normal, porque servem para vivenciar novas sensações da vida, sem os limites impostos pelos pais. Os comportamentos que constituem uma ameaça à saúde do adolescente, quer pela sua gravidade, quer pela sua extensão, não são normativos (Simões, 2007).

Nesta idade, os comportamentos de risco que devem ter a atenção dos pais, familiares, professores e da comunidade em geral são, por exemplo, o consumo de álcool, tabaco, drogas, práticas sexuais, hábitos alimentares, tentativas de suicídio (Ferreira, 2003).

Lerner e Galambos (1998, citado em Simões, 2007) definiram três critérios para que se possam identificar e separar estes dois comportamentos: idade de início do comportamento, duração do comportamento e estilo de vida do jovem.

Os comportamentos relacionados com a saúde são comumente classificados como positivos ou negativos. São positivos aqueles que se caracterizam pela promoção da saúde, prevenção e deteção de riscos. São comportamentos negativos os que, pela sua extensão no tempo e intensidade, aumentam os riscos de doença ou acidente (Simões, 2007). São estes tipos de comportamentos de saúde negativos que normalmente são designados de risco ou *risk-taking* (correr riscos).

2.2 O Consumo de Álcool

O álcool tem desde há muito tempo feito parte da vida social, religiosa, médica e económica da civilização humana de uma forma generalizada por todo o mundo.

Para os arqueólogos, a acumulação de grainhas é prova do fabrico de vinho e crê-se que o cultivo de vinhas se pode situar entre 7000a.C. e 5000a.C. (Johnson, 1999 citado por Dias, 2006).

Em 2004, McGovern (citado por Peixoto, 2005) foi mais longe, afirmando 9000 a.C. como a época em que na fronteira chinesa os habitantes já usavam o álcool obtido através do arroz, mel, uvas, ervas e frutos de pilriteiro.

Segundo Amaral Dias (1980, citado por Dias, 2006), os trabalhos de Blum concluíram que, em 247 povos estudados, apenas quatro não utilizavam substâncias alcoólicas e Weil referiu apenas os esquimós como o único povo em que não se usava o álcool, vindo esta situação a ser alterada com a sua introdução pelo homem branco.

As primeiras descrições clínicas sobre bebedeiras e ressacas surgem na Mesopotâmia (Westmeyeret. al., Becket. al., 1993; Goodwin, 1981, 2001 citado em Ferreira-Borges e Filho, 2004). Através dos séculos, o álcool em geral esteve, portanto, presente na sociedade, com prevalência particular do vinho.

Os Gregos trocavam vinho por metais preciosos, os romanos por escravos; na mitologia Grega está presente com o deus Dionísio ou na mitologia romana com Baco, e na simbologia cristã, o vinho é, de forma metafórica, o sangue de Cristo:

“Tomai, todos, e bebei:
este é o cálice do meu Sangue,
o Sangue da nova e eterna aliança,
que será derramado por vós e por todos,
para remissão dos pecados.
Fazei isto em memória de Mim”.

O primeiro código jurídico descrito, Hamurabi, de 1760 a.C., faz referência ao comércio de vinho.

Na Europa, é no século IX que se descobrem as técnicas de destilação, permitindo produzir bebidas com teor alcoólico superior ao vinho. Em França, os destiladores abundavam devido às facilidades concedidas pelo Estado. Com a Revolução Industrial, o álcool tornou-se facilmente acessível, devido a novas formas de o produzir, engarrafar e distribuir.

O álcool consiste “numa molécula, natural ou sintética, designada por etilálcool ou etanol, cujo efeito é, simultaneamente, sedativo e hipnótico” (Nunes & Jólluskin, 2007, p.185).

Para Dupont (2005, citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p. 186), o álcool caracteriza-se como a única droga que contém calorias; substância tóxica mais antiga e mais consumida do mundo; ingerido por via oral; facilmente e rapidamente absorvido e distribuído pelos tecidos orgânicos; metabolizado em dióxido de carbono e água, em poucas horas; consumido em doses elevadas é altamente danoso para a saúde; é o mais seguro e o mais nocivo tóxico do mundo.

O consumo excessivo do álcool pode conduzir a estados de decadência física, intelectual, social e ética.

O consumo excessivo de álcool conduz ao alcoolismo, a forma de toxicodependência mais frequente em Portugal.

É por volta do século XIX que o alcoolismo é reconhecido como uma doença e não apenas um hábito ou vício, em França.

Segundo Mello, Barrias e Breda (2001), foi em 1851 que Magnus Huss define o alcoolismo como uma doença a que corresponde uma intoxicação crónica, própria de pessoas com hábitos excessivos e prolongados de consumo. Em 1955, Pierre Fouquet, referiu que as noções sobre o alcoolismo continuavam a não ser muito claras, falando em alcoolites, alcooloses e somalcooloses. Outros autores definiram tipos ou espécies de alcoolismo, mais do que apresentarem uma definição. É o caso de Jellinek (alcoolismo de tipo alfa, beta, gama, delta e epsilon), de Perrin (alcoolemia primária, secundária e mista).

Por volta de 1940, a escola de Jellinek atendendo ao alargar dos problemas que o álcool colocava, e à complexidade dos seus efeitos e ramificações, procurou uma colaboração entre diversas áreas, reunindo profissionais da medicina, sociologia, direito, economia e psicologia. O que se pretendia era atingir um conceito alargado de alcoolismo, ao contrário do que até aí se verifica, em que tínhamos mais espécies e tipo de alcoolismo. Este movimento veio a colher frutos mais tarde, em 1945, em França com a criação do *Comité National de Défense Contrel'Alcoolisme* (NDCA) e na Suíça o *International Council on Alcohol and Addictions* (ICCA) (Mello, Barrias & Breda, 2001).

Para Secades (2001, citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p. 188), “o alcoolismo pode ser definido como um estado de dependência física e psíquica, que determina os

comportamentos dirigidos para um consumo compulsivo e continuado de álcool, a despeito das suas consequências nefastas em termos fisiológicos, psicológicos ou sociais. É um estado em que o indivíduo apresenta uma clara perda de controlo, com dificuldade em dominar a quantidade de álcool a ingerir após ter começado a beber, sendo igualmente nítida a incapacidade de decisão sobre o ato de continuar a beber ou não em determinada situação”.

A OMS definiu o alcoólico, “como o indivíduo que bebe excessivamente e cuja dependência do álcool alcançou um tal grau, que passou a dar lugar a transtornos psíquicos, a complicações somáticas e /ou conflitos aos níveis das relações interpessoais e das funções sociais” (Nunes & Jólluskin, 2007, p.188).

Em 1979, a OMS, perante a inexatidão do termo, optou por uma definição restritiva de síndrome de dependência do álcool, de entre um leque variado de problemas ligados ao álcool. De acordo com a OMS, alcoólico é aquele que sofre de alcoolismo. Segundo a mesma organização, alcoolismo é um termo usado há muito tempo com significado variável. É normalmente usado para referir o uso crónico e continuado, ou periódico, de bebidas alcoólicas, caracterizado por controlo diminuído sobre a ingestão de álcool, episódios frequentes de intoxicação e preocupação com o álcool e uso de álcool, apesar das suas consequências negativas.

Para Fouquet (DATA), autor da criação do conceito de Alcoologia, advoga enquanto disciplina autónoma “visando uma abordagem integrada de todas as problemáticas relacionadas com o álcool (...)”.

Devido a condicionantes históricas, económicas, morais e culturais, o álcool é uma substância lícita e quanto maior for a convicção de que o consumo tem benefícios sociais e económicos, ao passo que o prejuízo é reduzido, quer para o utilizador, quer para a sociedade, maior a probabilidade de a substância ser considerada lícita (Filho e Ferreira-Borges, 2008). É exatamente isso que acontece com o álcool.

São vários os especialistas, de diversas áreas do saber, que apontam os benefícios do álcool, consumido com moderação. Esses benefícios situam-se na redução dos riscos de problemas cardiovasculares, menor incidência de diabetes tipo II, depressão e ansiedade, podendo no limite ser um anestésico (Peixoto, 2005).

O consumo excessivo tem consequências muito graves para o indivíduo, tais como o aparecimento de problemas no aparelho digestivo, gastrites e cirroses, menor resistência a algumas doenças, pneumonia, tuberculose e certo tipo de cancro,

problemas no sistema nervoso provocados por alterações no sono, irritabilidade e esgotamento.

Segundo alguns estudos referidos por Peixoto (2005), para um consumo moderado, os homens não devem ultrapassar os 20 a 24 gramas de álcool por dia, e as mulheres 10 a 12 gramas (Peixoto, 2005).

Segundo Windleet al. (1996, citado em Simões, 2007), há quatro grandes fatores que influenciam o consumo de álcool: a comunidade (leis e comportamentos permissivos face ao consumo, fácil acesso e más estruturas comunitárias); a escola (insucesso escolar, problemas comportamentais e fraco envolvimento com a escola); a família (consumo e conflitos na família e fraca vigilância) e os pares (amigos que consomem e medo de rejeição); individual (condição genética, fraca capacidade para resolver problemas, valores e atitudes contrárias à norma e comportamentos desviantes).

A influência parental é talvez o indício, o preditor, mais seguro para o futuro consumo dos adolescentes. Pais com consumos mais elevados, mais provavelmente terão filhos com o mesmo comportamento (OMS, 1993).

O consumo de bebidas alcoólicas é um processo de várias etapas, iniciando-se na adolescência com a experimentação, passando pelo consumo regular até ao excessivo e à dependência.

Segundo Ferreira-Borges e Filho (2007), é possível identificar diferentes grupos no que toca à sua relação com o consumo de álcool: os abstinentes, que não têm contacto com o álcool; os que se pautam pelo uso social, regendo-se por padrões dominantes e que de acordo com padrões de saúde têm um uso de baixo risco (inferior a 20gr. de álcool por dia nos adultos); um grupo que tem um uso indevido, ultrapassando os padrões sociais e de saúde e violando a lei em determinadas circunstâncias, como é o caso da condução de veículos; um grupo com uso nocivo que causa danos à saúde física e mental; grupo com uso próximo da dependência e dependência.

Existem diversas classificações relativas ao consumo de álcool, como veremos de seguida.

Uma delas consiste na distinção entre o alcoolismo primário e o secundário: o alcoolismo primário corresponde ao que surgiu antes de qualquer outra perturbação, podendo ter contribuído para o aparecimento do problema psiquiátrico; já o alcoolismo secundário corresponde ao que terá surgido após o diagnóstico do problema psiquiátrico, podendo ser conseqüente daquele (Schuckit, 1998, citado por Nunes & Jóluskin, 2007).

A terceira revisão do manual da *American Psychiatric Association* distinguia entre o alcoolismo leve, moderado e grave. O alcoolismo leve apresenta poucos sintomas de dependência alcoólica; já o moderado apresenta “sinais e prejuízos funcionais intermédios; e, por último, o alcoolismo grave corresponde a um quadro de muitos sinais e sintomas com nível elevado de prejuízos funcionais visíveis” (Seibel, 2001, citado por Nunes & Jóluskin, 2007, p.201). No entanto, esta classificação foi entretanto abandonada na 4.^a revisão do manual, precisamente por não se ter revelado adequada. Assim, o manual mais recente (DSM-IV-FR, 2002) não inclui qualquer tentativa de classificar o alcoolismo em função de critérios de gravidade”.

2.2.1 O Consumo de Álcool e os Adolescentes

DuPont (2005, citado por Nunes & Jóluskin, 2007, p. 186) “refere sete pontos que, genericamente, caracterizam de forma sumária o álcool: a) O álcool é a única droga que contém calorias; b) É a substância tóxica mais antiga e mais consumida do mundo; c) É tomado por via oral; d) É rapidamente absorvido e distribuído pelos tecidos orgânicos; e) É metabolizado, em dióxido de carbono e água, em poucas horas; f) Em doses elevadas é altamente danoso para a saúde; g) É, provavelmente, o mais seguro e o mais nocivo tóxico do mundo.

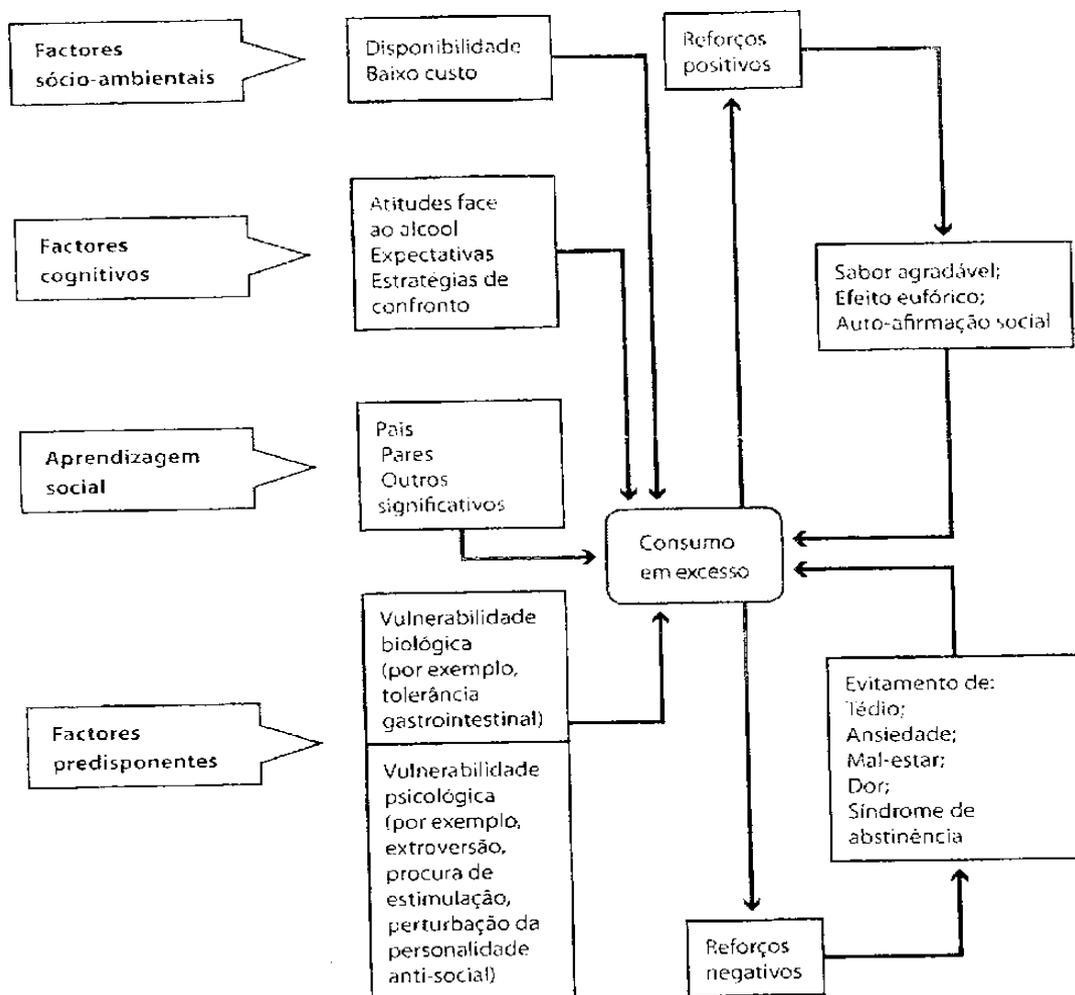
Segundo Aragão e Sacadura (2002), é indubitável que o consumo problemático de álcool conduza à formação de processos de decadência física, intelectual, social e ética”.

Importante também é destacar e caracterizar as diferentes modalidades de consumo de álcool, podendo este ser consumido como uso normal, abuso em excesso ou dependência. Verificam-se porém distinções diferentes em relação ao tipo de consumo, como é o caso da *American Psychiatric Association* (APA), que distingue entre abuso de álcool, dependência e intoxicação. No caso da intoxicação, verifica-se no caso de o indivíduo registar níveis de descoordenação que interfiram na capacidade de execução de determinadas tarefas.

Existem determinados fatores que influenciam o consumo de álcool, nomeadamente fatores sociais, biológicos predisponentes e os psicológicos. Os fatores sociais estão relacionados com os fatores socioculturais; os fatores biológicos relacionam-se com aspetos genéticos e constitucionais e os psicológicos relacionam-se com a vulnerabilidade psicológica e modelos de aprendizagem.

Para Nunes e Jólluskin (2007, p.208), “Afinal, é da ação conjunta de vários fatores influentes que se gera a iniciação com posterior consolidação do consumo problemático de álcool. Por isso, é importante notar que todos os fatores até aqui referidos interagem e, mediante uma mutualidade de efeitos, produzem influência sobre o indivíduo, quer no início, quer na manutenção do comportamento alcoólico, num registo de influência recíproca e com efeitos retroativos”.

Figura 1 – Análise psicológica do consumo excessivo de álcool



Fonte: Nunes e Jólluskin, 2007, p.209

Existem vários modelos explicativos do consumo problemático do álcool, nomeadamente a explicação biológica que consiste em estados do indivíduo, que procura um alívio transitório através da ingestão de bebidas alcoólicas, gerando-se a

instalação de um ciclo vicioso. Outras leituras da perspectiva biológica prendem-se com explicações baseadas em predisponentes geneticamente herdados: o indivíduo apresenta uma predisposição inata para a adição (Secades, 2001). Contudo, esta perspectiva acaba por se revelar reducionista, em relação a um comportamento muito complexo. Os fatores sociais, outro modelo explicativo, centram-se nos processos de observação e de reprodução de comportamentos mediante processos mentais de decisão (Secades, 2001 citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p.211). Já o modelo biopsicossocial é caracterizado por: “1) fatores constitucionais, de carácter genético e biológico; 2) fatores sociais, como a disponibilidade e acesso à substância, 3) fatores psicológicos, como o historial de aprendizagens. Então, de acordo com a proposta, enquanto alguns dos fatores atuam como protetores, outros têm uma ação de risco, favorecendo e potenciando o desenvolvimento da adição (Secades, 2001). Esta seria uma interpretação do problema à luz do paradigma biopsicossocial, na qual se sustenta a ideia de que os fatores precipitantes do consumo de álcool são independentes dos que, posteriormente, determinam a manutenção desses consumos, com instalação do quadro aditivo” (Secades, 2001 citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p.211). Por último, o modelo cognitivo de Beck permite compreender os aspetos que contribuem para a manutenção dos consumos de substâncias, neste caso do álcool.

Como já foi referido, a “adolescência é um período complicado. Os jovens ensaiam experiências novas e procuram, na exploração de possibilidades diversas, encontrar e afirmar o seu lugar, a sua identidade. Frequentemente, este processo é vivido na experiência do interdito” (Cruz, et. al., 2009, p. 148).

O consumo de álcool começa geralmente na adolescência e é, de acordo com a OMS (1993), a substância que os jovens mais usam e da qual mais abusam, variando em função de fatores como o género, idade e etnia.

De acordo com Matos et.al. (2000), os rapazes adolescentes são consumidores de bebidas alcoólicas com maior frequência. Nos adolescentes, o consumo excessivo, além dos problemas sociais, pessoais e económicos, comuns ao consumo excessivo em geral, tem reflexos nas taxas de mortalidade que são mais elevadas nestes, devido a acidentes, homicídios e suicídios, além de potenciar a probabilidade de relações sexuais e surgimento de doenças sexualmente transmissíveis (Simões, 2007).

Em 2011 foi realizado o *European School Survey on Alcohol and other Drugs* que consiste num estudo em 39 países efetuado a cada 4 anos, entre os quais Portugal, a uma amostra de alunos que completaram 16 anos no ano em que o inquérito foi

realizado, 2001, sendo o objetivo acompanhar as tendências de consumo dos jovens europeus de álcool, tabaco, drogas e medicamentos. Em Portugal, a dimensão da amostra foi de cerca de 2000 alunos, tendo em vista avaliar o consumo de álcool nos últimos 30 dias, a prevalência de consumo intensivo nos últimos 30 dias e o volume de álcool consumido pelos alunos no último dia. Foi possível verificar que, apesar de os rapazes continuarem a consumir maiores quantidades de álcool, o consumo de bebidas alcoólicas tem-se vindo a aproximar entre rapazes e raparigas. No mesmo estudo é possível verificar que os problemas ligados ao álcool são maiores nos rapazes, principalmente os relacionados com confrontos físicos e problemas com a polícia. Contudo, para outro tipo de problemas, tais como mau desempenho escolar e dificuldades de relacionamento com os pais e colegas, as médias são sensivelmente idênticas para ambos os sexos. A comparação dos dados permite concluir que, no consumo de álcool, os resultados se situam abaixo da média europeia ou na média, havendo mesmo uma estabilidade ou diminuição dos indicadores do álcool face a 2007 (ESPAD, 2011 e Ministério da Saúde, 2012).

Para Fernandes e Teixeira (2006, citados por Nunes & Jóluskin, 2007, p.192), “No que concerne à União Europeia, de acordo com o Observatório Europeu da Droga e da Toxicodpendência (2003), os estudos realizados nas escolas dos Estados-membros evidenciaram, entre outras conclusões, que dos jovens portugueses entre os 15 e os 16 anos de idade já experimentaram o estado de embriaguez. (...) Estes dados são suficientemente elucidativos a respeito da gravidade do consumo generalizado de álcool. O Alcoolismo é a maior toxicodpendência nacional, com repercussões dramáticas. Portugal é um dos países da União Europeia que apresenta taxas mais elevadas de consumo de bebidas alcoólicas, bem como de problemas graves associados a essa prática, numa percentagem que chega a atingir as 10% da população total”.

Os adolescentes são os que consomem álcool devido a influências/estímulos do exterior e também devido a fatores genéticos. Por exemplo, a desregulação em termos exteriores manifesta-se por uma série de influências que se fazem sentir, sobretudo na infância e adolescência, principalmente através do contexto familiar.

Um estudo desenvolvido por Nunoz-Rivas e Grafia (2001) concluiu que, “existem fatores familiares que constituem elementos de prognóstico do consumo de substâncias legais, como o álcool. Entre estes fatores, os autores apontam existência de um clima de conflito entre o jovem e os pais; a ausência de coesão familiar; a presença de regras de rejeição acentuada relativamente ao consumo de drogas ilegais, como elementos que

parecem potencializar a adesão dos jovens ao consumo de substâncias legais; e, como principal fator preditor, a presença de consumos alcoólicos por parte dos pais” (Nunes & Jóluskin 2007, p. 255).

Por outro lado, as conclusões de um outro estudo realizado por Calafatet (2005) parecem indicar alguns aspetos que podem potencializar o consumo de álcool, como o não controlo dos horários dos jovens, o fácil acesso à substância, num registo de vida ociosa e com poucas oportunidades de comunicar e a ambivalência presente no discurso social a respeito do álcool.

Alguns dos fatores que aumentam o risco do indivíduo consumir álcool são apresentados pelo *National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism* (2006), que referem os seguintes aspetos: o sexo, na medida em que se verifica que os homens têm mais tendência para beber de forma problemática que as mulheres; a Raça/Etnicidade, uma vez que a maior ou menor tendência para beber depende grandemente da cultura de inserção do indivíduo; o contexto escolar, uma vez que os pares têm grande influência nos comportamentos dos jovens; a situação de desemprego ou de emprego a tempo parcial, como elementos favorecedores do ócio e, conseqüentemente, potenciadores de um maior consumo de álcool; a influência do grupo de pares, como um dos fatores que influenciam diretamente o indivíduo; o estado civil, na medida em que a passagem para a idade adulta com assunção de um papel de responsabilidades decorrentes o casamento leva, geralmente, a uma redução do consumo de álcool; as características de personalidade, entre as quais, algumas parecem constituir um risco para o consumo de álcool. Assim, a impulsividade, a busca de novas sensações, e a tendência para a busca de comportamentos de risco são, geralmente, características favorecedoras do consumo de álcool; as expectativas relativamente à substância, que sendo positivas e acompanhadas de crenças a respeito dos aspetos positivos da droga, levam a um aumento do risco de desenvolvimento de um beber problemático; e as influências genéticas, uma vez que parece haver alguma constância nos problemas com álcool em algumas famílias, o que pode resultar, pelo menos parcialmente, de fatores genéticos.

2.2.2 A Prevenção

Face ao exposto, ressalva-se a importância da prevenção do consumo de álcool, a qual deve apresentar-se como uma prioridade, pois “o álcool converteu-se na substância aditiva com mais impacto nefasto entre os jovens, sendo notório o aumento do número de jovens que o consomem; acrescenta-se a idade cada vez mais precoce de iniciação no uso da substância. Esse decréscimo da idade de início dos consumos acarreta o prognóstico de agravamento dos problemas associados ao alcoolismo; são os jovens que, estando ainda numa fase de experimentação, não têm enraizados os hábitos de consumo, pelo que uma abordagem de carácter preventivo é a mais adequada; Finalmente deve ter-se em conta (...) que o álcool constitui uma substância de iniciação que, muito frequentemente, abre portas para o posterior consumo de outras drogas” (Nunes & Jólluskin, 2007, p. 249).

No sentido da prevenção, não pode ser descurado o fornecimento das informações acerca dos riscos existentes do consumo excessivo de álcool, juntamente com a conciliação de outras medidas também importantes.

De seguida, apresentam-se alguns modelos de programas de prevenção (Marlatt, 2001 citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p. 250). O modelo de amedrontamento baseia-se no apelo ao medo enquanto emoção persuasora, procurando expor, dramática e enfaticamente, as consequências negativas do consumo do álcool. O modelo do apelo moral defende que o consumo de substâncias se deve a uma falha dos sistemas moral e ético. Tal falha leva à perda ou à ausência da capacidade crítica e condenadora do uso de drogas. O modelo de treino de resistência prende-se com o desenvolvimento de competências no sentido de uma maior resistência às pressões sociais. O modelo de pressão positiva do grupo parte da ideia de usar a pressão social, no sentido oposto ao do consumo de substâncias. Assim, a influência do grupo sobre o indivíduo pode ser de oposição ao consumo de álcool, através do recurso a adultos que os encaminhem e orientem no desenvolvimento de atividades e encontros em que não haja lugar para qualquer consumo de drogas. O modelo de orientação de pais procura estabelecer e reforçar o controlo dos pais sobre os filhos, reduzindo o poder de influência dos pares, e promovendo uma atitude de abertura para a compreensão dos filhos e para o estabelecimento de diálogo com eles. O modelo do conhecimento científico propõe o

fornecimento de informações sobre as drogas, neste caso sobre o álcool, de forma imparcial e baseada nos saberes da ciência. De acordo com este modelo, a partir da informação prestada, os jovens adotarão uma postura de escolha baseada na racionalidade. O modelo da educação afetiva defende que os jovens mais estruturados e seguros do ponto de vista afetivo-emocional são os que apresentam maior proteção contra a possibilidade do consumo de álcool. Assim, o modelo propõe estratégias para o desenvolvimento da autoestima, da capacidade de gerir a ansiedade, de decidir e de interagir com os outros de forma satisfatória e resistente a eventuais pressões. O modelo das atividades alternativas consiste em proporcionar aos jovens oportunidades de crescimento pessoal, de desafio e de alívio de stresse, através de atividades e de meios diametralmente opostos ao consumo de substâncias. O modelo da educação para a saúde visa orientar os jovens no sentido do desenvolvimento de um estilo de vida saudável. O modelo da educação normativa parte da necessidade humana de adaptação ao meio e ao sistema normativo predominante, mediante o estabelecimento de sólidos laços sociais. Por último, o modelo da alteração das condições de ensino defende uma política escolar voltada para o desenvolvimento sadio do jovem; preconiza ações modificadoras do meio escolar através das seguintes medidas: modificação das práticas, tornando o ensino apelativo e os conteúdos mais próximos da realidade dos jovens; melhoria do ambiente escolar, com integração de medidas que confirmam mais espaço de participação aos jovens; incentivo ao desenvolvimento social, com ênfase nas relações interpessoais dos alunos e no princípio do respeito mútuo; oferta de serviços escolares de saúde com carácter assistencial e voltado para as reais necessidades dos jovens; envolvimento dos pais nas atividades escolares, num espírito que privilegie a abertura da escola à comunidade.

Para Nunes e Jóluskin, 2007, existem três tipos de prevenção, nomeadamente a prevenção primária, que pretende evitar o aparecimento do problema; a secundária, que pretende sinalizar e reconhecer o problema, visando modificar o comportamento antes que este se desenvolva no sentido contrário; e, por último, a terceira pretende a suspensão ou redução do problema e esta prevenção já integra um estado mais avançado com um plano de tratamento e com medidas preventivas relativamente ao agravamento da situação.

A prevenção deve basear-se no esforço conjugado dos diferentes setores sociais, sendo de extrema importância que se apoiem a família, a escola, os profissionais e outros, tendo um importante e responsável papel na prevenção.

Como diz o autor Secades (2001, citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p.257), “A prevenção do consumo de álcool adquire eficácia se, simultaneamente, se desenvolverem programas educativos incidentes em fatores macrossociais que afetem significativamente os comportamentos dos indivíduos. É pela intervenção comunitária que se procura otimizar o sistema de redes de apoio social e promover o compromisso do envolvente social. A prevenção comunitária serve-se dos agentes sociais da comunidade, como pais, professores, pessoal da área da saúde, trabalhadores sociais, responsáveis por instituições e outros, para atingir de forma mais efetiva os destinatários últimos da sua ação, ou seja, os jovens”.

De seguida, vamos analisar a prevenção em dois contextos importantíssimos no caso dos adolescentes, nomeadamente o contexto escolar e familiar. No que respeita ao contexto escolar, verifica-se que a escola consiste numa “instituição de socialização determinante de muitos dos futuros comportamentos do indivíduo; daí a sua importância enquanto contexto de ações preventivas, quer no âmbito do consumo de álcool, quer no respeitante ao consumo de outras substâncias” (Secades, 2001, citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p.258-259). Neste sentido, Secades (2001) refere vantagens da prevenção em contexto escolar, apontadas por Garcia-Rodríguez, por exemplo a idade de início dos consumos coincide com o período em que os indivíduos frequentam a escola e sendo a escola um centro de formação e de educação, a prevenção do consumo de álcool pode integrar-se nos próprios programas educativos da instituição. A estas vantagens, Secades (2001) refere outras que valorizam a escola enquanto contexto de ação preventiva, pois, através da escola, é facilitada a obtenção de colaboração e envolvimento de outras instituições e também porque na escola é mais fácil a deteção precoce de situações de risco.

Em relação à prevenção no seio familiar, há a salientar que a família, além da escola, é muito importante no desenvolvimento e na socialização da criança, sendo este um outro contexto de prevenção. A família, apesar das alterações que tem vindo a sofrer, tem-se revelado como “instituição” central de muitos problemas decorrentes de vários aspetos como de “mudanças sociais e económicas, do impacto da industrialização, das crises económicas, do desemprego, e de outros fatores perturbadores de todo o sistema familiar”. Portanto, os modelos parentais são determinantes no desenvolvimento de certos comportamentos e na aquisição de certos hábitos e, no seio familiar, muitos são os fatores que podem contribuir para a adoção ou não de comportamentos aditivos, como é o caso do alcoolismo. Verifica-se, assim, que a

educação assume um papel muito importante; o ideal não é uma educação nem muito rígida e repressora, nem muito negligente e de pouca supervisão (Nunes & Jóluskin, 2007, p.259).

Portanto, o contexto familiar é dos mais importantes no que concerne às possibilidades do jovem vir ou não a ser um consumidor problemático de álcool, pois as atitudes/comportamentos dos pais revelam uma grande importância, podendo mesmo vir a constituir-se em fatores de risco ou de proteção, relativamente ao consumo abusivo de álcool por parte dos filhos (Secades, 2001).

Podemos então concluir que a prevenção em contexto escolar, por exemplo, não tem de ser desfasada da abordagem preventiva à família. Ou seja, o ideal e o que se pretende é que a escola constitua o ponto de convergência de ações dirigidas a alunos, pais e irmãos, principalmente naquelas situações em que são identificados vários fatores de risco, alguns presentes no seio familiar. Ou seja, a escola é necessariamente uma das instituições a integrar no programa, com um envolvimento ativo e direto (Nunes & Jóluskin, 2007).

2.3 Os Perigos do Álcool

Relativamente aos efeitos do álcool, este produz efeitos diferentes consoante as pessoas, consoante a estrutura física e mental de cada um. Entre os possíveis consumidores, as crianças e jovens são os mais afetados, sendo por vezes os danos irreversíveis, pois ainda estão em processo de formação física (Cruz, 2009).

O consumo excessivo de bebidas alcoólicas pode provocar a intoxicação ou embriaguez, problemas psíquicos e sociais, envelhecimento prematuro e fraqueza generalizada.

O álcool é uma substância tóxica com efeitos depressores sobre o sistema nervoso central e o seu consumo generalizou-se, verificando-se uma interligação de fronteiras entre o ato de beber, recreativo ou social, e o abuso de álcool (Kaplan e Sadock, 1998). No que respeita à absorção do álcool, cerca de 10% do que for ingerido é absorvido no estômago, e o restante sofre absorção no intestino delgado. O corpo humano possui mecanismos de ação contra a ingestão excessiva de álcool, sendo que uma elevada concentração da substância no estômago conduz à secreção de muco com fechamento da válvula pilórica.

Desta forma, é provocada uma lentificação da absorção alcoólica, e a substância passará em menor quantidade para o intestino delgado, onde não se verificarão restrições significativas à absorção do álcool. Uma vez absorvido, o álcool é distribuído por todos os tecidos do organismo através da circulação sanguínea (Kaplan, Sadock e Grebb, 2003). Entre os efeitos do álcool sobre o sistema nervoso central, salientam-se as alterações da química cerebral, algumas das quais parecem estar associadas a suscetibilidades do foro genético. Por isso, a análise ao problema do consumo de álcool não deve ser feita sob uma perspectiva do tipo "uma droga - um efeito". O álcool consumido ocasionalmente aumenta a libertação de serotonina ao nível cerebral e, se o consumo for crónico, a substância tende a diminuir a serotonina armazenada no sistema nervoso (Schuckit, 1998).

“O estado de embriaguez por consumo de álcool pode conduzir a quadros alucinatórios, delirantes, e a alterações comportamentais seguidas de uma possível amnésia das condutas desenvolvidas sob o efeito da substância. A intoxicação por álcool pode conduzir ao coma, com desaparecimento da termoregulação e ocorrência de vasoconstrição periférica, havendo perigo de morte por hipotermia. Acrescentem-se os vômitos, cuja frequência pode provocar o desenvolvimento de pneumonia por aspiração. Quanto à intoxicação crónica, esta leva muito frequentemente a estados carenciais, gastrites, cianose e polinevrite com astenia intensa. Refira-se ainda a enfermidade de *Marchiafava-Bignoni*, que se apresenta como uma lesão encefálica provocada pela desmielinização do corpo caloso e da substância branca do encéfalo, com consequentes demência, tremores, ataxia, delírios, confusão e morte” (Aragão e Sacadura, 2002, citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p.185-186).

Para Nunes e Jólluskin (2007) apenas 10% do álcool ingerido é absorvido no estômago, sendo o restante absorvido no intestino delgado. Após este processo, o álcool é distribuído a todos os tecidos do organismo através da circulação sanguínea.

Os órgãos mais afetados pela ingestão de álcool são, então, o cérebro, o fígado, o estômago e também os rins, o pâncreas e o coração. Por exemplo, “num organismo saudável, o álcool é destruído à velocidade de 0.1 por hora (taxa de alcoolemia), todavia, num bebedor excessivo este processo de eliminação demora muito mais tempo. Demorará cerca de cinco vezes mais para eliminar a mesma quantidade de álcool – com

todas as consequências em termos de bem-estar físico e mental necessários para se levar uma vida social, familiar e de trabalho equilibrada” (Cruz et al., 2009, p.149).

Após a ingestão de álcool, o mesmo permanece no estômago cerca de 15 minutos se ingerido em jejum, e uma hora se acompanhado de uma refeição, entrando na corrente sanguínea, atravessando a do tubo digestivo e a sua degradação ocorre ao nível do fígado.

A degradação do álcool é lenta, mantendo-se na corrente sanguínea por um grande período de tempo, atingindo assim diversos órgãos. Os efeitos sobre o sistema nervoso central são bem evidentes, por exemplo na perda de equilíbrio e, para além de os atos reflexos serem mais lentos, as faculdades mentais também diminuem. Ou seja, o álcool apresenta-se como uma substância tóxica e que revela efeitos depressores sobre o sistema nervoso central.

Portanto, “entre os efeitos do álcool no sistema nervoso central, verificam-se alterações da química cerebral que variam em função da dose consumida e de outras variáveis, algumas das quais parecem estar associadas a suscetibilidades do foro genético” (Nunes & Jólluskin, 2007, p.185).

O estado de embriaguez por consumo de álcool pode conduzir a situações de alucinação, delírios, e alterações de comportamento, seguido de situações amnésicas. No caso da intoxicação alcoólica pode mesmo induzir o coma, havendo perigo de morte e se ocorrerem frequentemente podem provocar o desenvolvimento de uma pneumonia por aspiração. Podem ainda registar-se mais casos, como estados carenciais, gastrites, cianose, tremores, confusão e delírio e, em casos mais graves, a morte (Nunes & Jólluskin, 2007).

O alcoolismo pode ser considerado agudo (quando a ingestão de álcool é ocasional) ou crónico (quando a ingestão de álcool causa embriaguez cada vez mais frequente).

Ao nível social, o álcool tem um efeito nocivo, podendo degradar a vida familiar e profissional dos cidadãos, tendo como consequências efeitos nefastos entre adultos e adolescentes, sendo uma das mais preocupantes e maiores causas de morte em adolescentes ou jovens adultos.

O consumo excessivo de álcool constitui um dos maiores problemas de saúde pública, tendo como consequências efeitos nefastos entre adolescentes e jovens adultos, como é o caso de uma análise efetuada por Pichard e Paune (2005, citados por Nunes & Jólluskin, 2007, p.191) que refere que “numa população de jovens australianos detidos

com idades entre os 12 e os 19 anos, o álcool era a droga mais consumida, por 37.6% dos indivíduos”. Segundo Seibel (2001, citado por Nunes & Jóluskin, 2007), no Brasil, o alcoolismo é uma das mais graves e urgentes questões, colocando-se no quarto lugar das doenças mais incapacitantes.

Segundo o *Department of Mental Health and Substance Abuse* (2004), “estima-se que no mundo haja dois bilhões de pessoas consumidoras de álcool, das quais setenta e seis milhões têm diagnóstico de desordens por uso de álcool. Segundo a mesma fonte, o consumo de bebidas alcoólicas constitui, por si só, um problema grave e muito generalizado que, para além disso, está na origem de uma multiplicidade de problemas muito graves” (Nunes & Jóluskin, 2007, p.194).

Assim, parece pertinente dedicar alguma atenção aos problemas consequentes do consumo problemático de álcool. Segundo Schuckit (1998), o álcool, ainda que consumido em doses relativamente baixas, como por exemplo, uma ou duas bebidas, afeta o discernimento e os funcionamentos sociais e ocupacional” (Nunes & Jóluskin, 2007, p.194). Por exemplo, em doses superiores a 150 mg% (150 mg por 100 ml de sangue), o álcool provoca um sintoma de confusão e de desorientação, que vai desaparecendo consoante os seus níveis plasmáticos forem descendo. No entanto, as alterações comportamentais por ingestão de álcool variam em função do “sexo, da idade, do peso corporal, das experiências prévias com a bebida e dos níveis de tolerância” (Nunes & Jóluskin, 2007, p.194).

Para além destes efeitos do álcool, existem também os efeitos crónicos que são mais graves e com consequências muitas vezes irreversíveis.

Destacam-se as seguintes perturbações e problemas neurológicos/psiquiátricos associados ao consumo excessivo de álcool (Nunes & Jóluskin, 2007): Síndrome amnésica: consiste numa consequência tardia do alcoolismo, caracterizada pelo défice de memória; Síndrome de Wernick e de Korsakoff: consiste em perturbações mnésicas persistentes devido ao frequente consumo intensivo de álcool; Transtorno psicótico de início tardio: caracteriza-se por alterações cognitivas com redução do funcionamento intelectual e deficitárias capacidades mnésicas; Comportamento violento decorrente do consumo de álcool, principalmente com os indivíduos que lidam diretamente com o sujeito; Demência alcoólica, ou seja, declínio progressivo das funções mentais.

Dos problemas físicos decorrentes do consumo excessivo de álcool destacam-se (Nunes & Jóluskin, 2007): Doença oncológica; Problemas hepáticos; Problemas cardíacos; Problemas carenciais devido a frequente desnutrição dos indivíduos

consumidores de álcool; Problemas musculares devido à perda de massa muscular; Problemas hormonais ou alterações no sistema endócrino.

Dos problemas sociais decorrentes do consumo excessivo de álcool destacam-se (Nunes & Jóluskin, 2007): Problemas ocupacionais, verificando-se uma redução da produtividade e aumento do absentismo, podendo verificar-se um aumento dos acidentes de trabalho e ocorrência de conflitos; Problemas familiares, sendo fortemente stressante para todos os membros da família, podendo mesmo ocorrer violência doméstica, trazendo danos e consequências irreversíveis a todos os membros da família; Pobreza decorrente da perda de oportunidades de emprego, da mudança frequente de trabalho e os frequentes períodos de desemprego, ocorrendo em casos mais graves situações de sem-abrigo; Álcool e outras drogas ou substâncias, pois pode existir o policonsumo, juntar-se ao álcool outras drogas e originar um problema ainda maior e mais grave.

2.4 Representação Social do Álcool

As representações sociais do álcool são inúmeras e diversas na sociedade. O aparecimento do álcool “é tão velho que parece ter acompanhado a história do Homem desde os tempos mais remotos, e a sua ligação à Humanidade chega a perder-se no tempo. No entanto, só foi possível produzir bebidas alcoólicas após o aparecimento da cereia, em princípios do neolítico (...). Na verdade, há registo de sumérios, que datam do século XXVIII a.C., o famoso código de Hammurabi, rei da Mesopotâmia. Este rei deixa claramente definidas as regras para as então designadas “casas de bebida”, ficando esclarecido que os babilónicos conheciam bem os processos de produção de vinho. (...). Os egípcios (...) eram também conhecedores do álcool, produzindo cerveja e vinho para os seus tratamentos médicos. (...) Os romanos, sob a influência do Deus Dionisos da Grécia, adotaram Baco, celebrado em festas bacanais por todas as colónias do império” (Secades, 2001, citado por Nunes & Jóluskin, 2007, p.187).

No entanto, a expansão de Roma levou o álcool a transpor fronteiras e a espalhar-se por inúmeras paragens. Por volta do século XIX, a revolução industrial contribuiu para a massificação das cidades levando à generalização do consumo de álcool. Já no século XX, com a vaga de migração e do rápido acesso a diversas formas de vida,

verifica-se uma generalização do uso do álcool a nível mundial. Fatores como os meios de comunicação, estilo de vida moderno também contribuíram para o crescente consumo de álcool e para que seja cada vez mais um produto de fácil acesso (Nunes & Jólluskin, 2007).

Desde a infância que nos lembramos da associação entre as bebidas alcoólicas e acontecimentos festivos, momentos estes felizes na vida da população. Para além destes momentos, temos também a publicidade que nos revela imagens de consumo de bebidas alcoólicas associadas a situações de bem-estar e/ou alegria e temos também o facto de o consumo de álcool socialmente representar força, autonomia, independência, virilidade, eito, poder, entre outros.

Estas representações do consumo de álcool existem e atualmente continuam a ser alimentadas socialmente, o que se destaca como extremamente importante e de não esquecer é que muitas destas representações não correspondem à verdade. Por exemplo, festejamos acontecimentos felizes com álcool, mas não quer dizer que esse consumo seja associado a bem-estar, sucesso, etc., pois frequentemente o consumo de álcool está mais associado a tristeza, solidão, fracasso e mal-estar físico (Cruz et al., 2009).

O álcool é uma substância tóxica já conhecida desde os antepassados, sendo a droga mais divulgada em todo o mundo (Doron e Parot, 2001, citado por Nunes & Jólluskin, 2007). A sua aceitação cultural e a facilidade no acesso ao mesmo contribuem para que seja a droga mais consumida em Portugal e noutros países ocidentais, sendo, também, a substância cujo consumo acarreta maiores custos sociais (Cordeiro, 2003, citado por Nunes & Jólluskin, 2007). Para autores, o consumo do álcool generalizou-se, notando-se uma interligação na relação entre o ato de beber social e o abuso do álcool.

“Assim, no século XVII, as bebidas destiladas passaram a ocupar um lugar de destaque entre os mercados mundiais, o que contribuiu para a grande divulgação do consumo alcoólico (IDT, 2007)”. Verifica-se a generalização do consumo de álcool, atravessando todas as classes sociais, incluindo intelectuais, artistas, artífices, operários, mulheres e crianças. Porém, “no século XX, com as grandes vagas migratórias e a rápida e fácil divulgação das mais variadas formas de vida, assiste-se a uma generalização do uso do álcool a nível mundial. Os meios de comunicação de massas, o estilo de vida moderno e os fatores ansiogénicos a ele ligados, também têm contribuído para que o álcool seja, cada vez mais,” usado como meio de diversão e convivência social (Secades, 2001, citado por Nunes & Jólluskin, 2007, p. 188).

Capítulo III – Metodologia

Nos capítulos anteriores, foi efetuada a revisão da literatura. No presente capítulo, apresenta-se a caracterização das escolas em estudo, definem-se os objetivos, as variáveis, o tipo de investigação, a amostra, os instrumentos de recolha de dados e, por último, explica-se como vai ser efetuado o tratamento dos dados.

3.1 As Escolas

O estudo inclui adolescentes pertencentes a duas escolas do distrito de Viana do Castelo, uma em meio rural e outra em meio urbano, ambas com ensino regular e profissional. A investigação desenvolver-se-á com recurso à aplicação de um questionário. Neste sentido, adotar-se-á uma abordagem quantitativa.

A escola localizada em meio rural situa-se a leste do concelho de Viana do Castelo e faz fronteira com o concelho de Ponte de Lima. É frequentada por alunos provenientes de Lanheses e de localidades vizinhas como Fontão, Moreira de Geraz do Lima, Vila Mou, Meixedo, entre outras. A escola apresenta uma oferta educativa que integra o ensino básico, o ensino secundário regular e cursos profissionais. Dados de 2010 referem que, relativamente à ação social, 54,6% dos alunos beneficiam de auxílios económicos. No que respeita a tecnologias da informação e comunicação, 37,3% dos alunos possuem computador e *internet* em casa (Relatório de autoavaliação da escola).

A escola localizada em meio urbano, na cidade de Viana do Castelo, é frequentada por alunos residentes em Viana do Castelo, bem como por alunos provenientes de todas as freguesias do concelho, que a procuram em função da sua oferta formativa. A oferta educativa é mais vasta, integrando o ensino secundário regular, cursos profissionais, cursos de educação e formação de adultos de nível secundário e o ensino recorrente. Em 2010, 33,8% dos alunos beneficiaram de auxílios económicos. Do total dos alunos, 64% não têm computador e 34,8% tem computador e

internet em casa e 1,2% têm computador mas não têm *internet* (Relatório de autoavaliação da escola).

3.2 Objetivos de Investigação

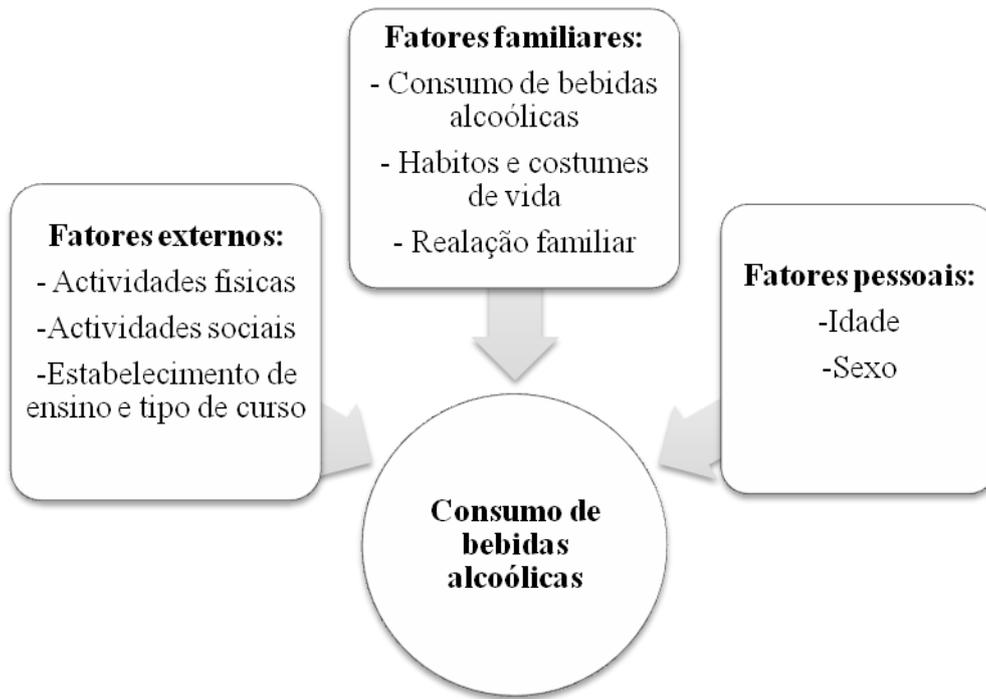
Este estudo pretende analisar a relação entre o consumo de álcool e as atividades de lazer dos jovens adolescentes. De forma a responder a este objetivo central, propomos os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar os padrões de consumo de álcool e atividades de lazer dos adolescentes, a frequentar o ensino secundário, numa escola situada em meio urbano e em meio rural;
- Caracterizar os padrões de consumo de álcool e atividades de lazer dos adolescentes, a frequentar o ensino regular e o ensino profissional;
- Caracterizar os padrões de consumo de álcool e de lazer por parte do agregado familiar e dos amigos dos jovens;

3.3 Variáveis

Para Fortin (1999) a variável é definida como “a característica de pessoas, objetos ou de situações estudadas numa investigação, a que se pode atribuir diversos valores” (p. 376).

Deste modo, esquematiza os fatores que influenciam o consumo de bebidas alcoólicas em estudo.



3.4 Tipo de Investigação

Esta investigação é de carater descritivo, transversal e quantitativa, sendo que a análise incide nas respostas obtidas pelo método de inquérito por questionário, constituído por perguntas fechadas.

Esta investigação quantitativa assenta no facto de os seres humanos serem compostos por partes (características fisiológicas, psicológicas e sociais) que podem ser medidas e controladas (Fortin, 2000). De acordo com o mesmo autor, o questionário auxilia a organizar, a normalizar e a controlar os dados, para que as informações procuradas e obtidas possam ser colhidas de forma rigorosa.

3.5 População e Amostra

A amostragem do estudo em questão é por conveniência. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar a população.

Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, em que não é requerido elevado nível de precisão. A amostragem por conveniência ou acessibilidade poderá ser útil, por exemplo, durante a fase de pesquisa-piloto de um estudo, a fim de melhorar o instrumento de coleta de dados. Porém, segundo Osuna (1991), não é recomendada quando se trata de avaliar seriamente o valor de um universo.

Segundo Kinnear e Taylor (1991), a unidade amostral ou os elementos da amostra por conveniência são voluntários, ou foram selecionados por causa de seu fácil acesso, daí a razão da nossa abordagem.

3.5.1 Constituição da Amostra

A amostra englobou 300 estudantes de duas escolas secundárias do concelho de Viana do Castelo, uma inserida em meio rural, com 164 alunos e outra em meio urbano, com 136 alunos.

A amostra é de conveniência, sendo definida em função dos inquiridos aos quais a investigadora teve acesso. Os inquéritos foram aplicados via papel e retornaram 300 válidos.

3.6 Instrumento de Recolha de Dados

Como instrumento de colheita de dados para a pesquisa de campo, utilizou-se um inquérito por questionário.

As principais razões de escolha sobre este instrumento prendem-se com a dimensão da população, economia de tempo, garantia de anonimato, liberdade de respostas e rapidez e facilidade de preenchimento.

O questionário utilizado é composto por trinta e três questões fechadas, sendo que as primeiras sete questões são de caracterização sociodemográfica, seguindo-se uma segunda parte respeitante aos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas por parte dos pais dos alunos (questão 8, 9 e 10), uma terceira parte relativa ao consumo de bebidas alcoólicas pelos alunos questão (11 à 22). Na quarta parte do questionário, encontram-se questões relativas aos hábitos desportivos e sociais dos alunos (questão 23 à 33).

3.7 Procedimentos e Tratamento de Dados

A concretização deste estudo exigiu, inicialmente, a solicitação da autorização dirigida ao Diretor da Escola, com a exposição da temática e do objetivo do mesmo, bem como da garantia de respeitar as normas de sigilo, anonimato e ética profissional.

Cada questionário possuía as instruções necessárias para o seu correto preenchimento, para além de uma breve introdução sobre o estudo e uma referência ao carácter anónimo dos resultados.

No final de maio de 2012, procedeu-se à aplicação do questionário, seguida da recolha de dados.

Os dados colhidos foram tratados estatisticamente através do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.

A apresentação dos resultados é feita através de quadros, nos quais são destacados os resultados mais relevantes.

Capítulo IV – Resultados: Apresentação e Discussão

No presente capítulo, são apresentados os resultados obtidos, através da aplicação dos instrumentos de recolha de dados.

Neste sentido, e de forma a facilitar a visualização e interpretação dos dados, os mesmos serão apresentados em quadros, destacando-se, de seguida, os aspetos mais relevantes e significativos.

4.1 Análise Descritiva

De seguida, realiza-se uma análise descritiva das questões relativas ao questionário de caracterização sociodemográfica. Posteriormente, efetua-se uma análise global das questões que compõem o questionário. De forma a proceder-se à análise estatística dos dados recolhidos e, mais concretamente, no que se refere às técnicas inerentes à estatística descritiva, foram utilizadas a média, desvio padrão, valor mínimo e valor máximo.

4.1.1 Descrição da Amostra

Realizando uma análise sociodemográfica dos participantes no estudo, há 164 alunos que frequentam uma escola em meio rural, enquanto 136 alunos estudam numa escola inserida em meio urbano. No que se refere ao tipo de curso, verificam-se 155 sujeitos enquadrados nos cursos de ensino regular e 145 a frequentar o ensino profissional.

Há ainda a referir que os do sexo masculino constituem 54,5% da amostra.

Quadro 1 - Distribuição dos alunos por tipo de curso e localização da escola, relativamente ao sexo.

		Sexo		Total	Sig.	
		Feminino	Masculino			
Tipo de Curso	Regular	n	74	81	155	0,416
		%	47,7	52,3	100,0	
	Profissional	n	62	83	145	
		%	43,1	56,9	100,0	
Total		n	136	164	300	
		%	45,5	54,5	100,0	
Localização da escola	Escola Básica e Secundária em meio rural	n	83	81	164	0,532
		%	50,6	49,4	100,0	
	Escola Secundária em meio urbano	n	53	83	136	
		%	39,3	60,7	100,0	
Total		n	136	164	300	
		%	45,5	54,5	100,0	

Relativamente à idade dos participantes no estudo, constata-se que 49,7% da amostra total têm entre os 15 e 16 anos, e 44% entre os 17 e 18 anos (Quadro 2). Ao nível dos alunos inseridos na escola do meio rural, podemos referir que 54,3% têm entre 15 e 16 anos, e 46,3% dos alunos do meio urbano, têm entre 17 e 18 anos, sendo que os do meio urbano, na sua maioria, apresentam níveis de idade superiores face aos alunos inseridos no meio rural, sendo que ao nível estatístico não são registadas diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$).

No que respeita ao tipo de curso, verifica-se que ao nível do curso regular, 61,9% dos alunos têm idades compreendidas entre 15 e 16 anos, e 51,7% dos alunos do ensino profissional têm idades compreendidas entre os 17 e os 18 anos. Desta forma, há a registar que também ao nível do tipo de curso, os alunos do ensino profissional apresentam níveis de idade superior face aos alunos do ensino regular, sendo estas diferenças estatisticamente significativas ($p<0,05$).

Quadro 2 – Distribuição dos indivíduos por idade

			Localização da escola			Total	Sig.	Tipo de Curso		Total	Sig.
			Meio rural	Meio urbano	Regular			Profissional			
Idade	15 - 16 anos	n	89	60	149	0.051	96	53	149	0.000	
		%	54,3	44,1	49,7		61,9	36,6	49,7		
	17 - 18 anos	n	69	63	132		57	75	132		
		%	42,1	46,3	44,0		36,8	51,7	44,0		
	mais de 19 anos	n	6	13	19		2	17	19		
		%	3,7	9,6	6,3		1,3	11,7	6,3		
Total		n	164	136	300	155	145	300			
		%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0			

No que diz respeito ao agregado familiar, verifica-se, no Quadro 3, que, ao nível das duas escolas e do tipo de curso, 52,7% dos alunos vivem numa família nuclear. De registar ainda que ao nível das diferenças, quanto analisadas as duas escolas e o tipo de curso, as diferenças não se revelam estatisticamente significativas ($p>0,05$).

Quadro 3 - Distribuição dos indivíduos por tipo de agregado familiar

			Escola			Total	Sig.	Tipo de Curso		Total	Sig.
			Meio rural	Meio urbano	Regular			Profissional			
Agregado familiar	Nuclear	n	83	74	157	0.428	84	73	157	0.331	
		%	50,6	55,2	52,7		54,2	51,0	52,7		
	Monoparental	n	4	1	5		1	4	5		
		%	2,4	0,7	1,7		0,6	2,8	1,7		
	Outras	n	77	59	136		70	66	136		
		%	47,0	44,0	45,6		45,2	46,2	45,6		
Total		n	164	134	298	155	143	298			
		%	100,0	100,0	100	100,0	100,0	100,0			

Relativamente aos níveis de escolaridade dos pais de ambas as escolas, e mais concretamente ao das mães, 69,9% possui escolaridade ao nível do ensino básico.

Analisando agora os pais do sexo masculino dos alunos de ambas as escolas, verifica-se que as habilitações académicas correspondentes ao ensino secundário

representam aproximadamente 50,4% da amostra. Consta-se ainda que há diferenças estatisticamente significativas entre os níveis de escolaridade das mães, e também dos pais, relativamente ao tipo de escola (meio rural vs meio urbano) e ainda ao tipo de curso (regular vs profissional) ($p < 0.05$), sendo as mães a apresentarem valores significativamente mais elevados ao nível do ensino básico, e os pais ao nível do ensino secundário.

Quadro 4 – Distribuição dos pais dos alunos por nível de escolaridade

			Escola			Sig.	Tipo de Curso			Sig.	
			Meio rural	Meio urbano	Total		Regular	Profissional	Total		
Escolaridade Mãe	Ensino básico	n	126	81	207	0.002	94	113	207	0.000	
		%	77,7	60,4	69,9		60,6	80,1	69,9		
	Ensino secundário	n	26	31	57		34	23	57		
		%	16,0	23,1	19,3		21,9	16,3	19,3		
	ensino superior	n	10	22	32		27	5	32		
		%	6,2	16,4	10,8		17,4	3,5	10,8		
	Total		n	162	134		296	155	141		296
			%	100,0	100,0		100,0	100,0	100,0		100,0
Escolaridade Pai	Ensino básico	n	37	19	56	0.002	21	35	56	0.007	
		%	23,6	15,0	19,7		14,0	26,1	19,7		
	Ensino secundário	n	79	70	143		76	67	143		
		%	50,3	52,2	50,4		50,6	47,5	50,0		
	Ensino superior	n	41	44	85		53	32	85		
		%	26,1	32,8	29,9		35,3	22,7	29,9		
	Total		n	157	134		291	150	141		284
			%	100,0	100,0		100,0	100,0	100,0		100,0

4.1.2 Hábitos Quanto ao Consumo de Bebidas Alcoólicas

Nesta parte, iremos descrever, numa primeira etapa, os hábitos dos pais dos alunos inquiridos, relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas, e numa segunda fase, far-se-á uma descrição dos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas dos inquiridos.

4.1.2.1 Hábitos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas por parte dos pais

Quanto ao tipo de bebidas alcoólicas que os pais dos alunos consomem, verifica-se o maior consumo de bebidas fermentadas, quer por parte dos pais, quer por parte das mães, e independentemente do tipo de escola e do tipo de curso.

No que respeita aos pais que não consomem qualquer tipo de bebidas alcoólicas, eles são mais frequentes nas escolas de meio urbano e nos cursos profissionais.

Foram registadas diferenças estatisticamente significativas ao nível do consumo de bebidas alcoólicas por parte dos pais dos alunos, relativamente ao tipo de curso ($p = 0.02$), sendo que as bebidas fermentadas são as que apresentam valores significativos mais elevados de consumo.

Quadro 5 - Tipo de bebida alcoólica consumida pelos pais dos alunos

		Escola			Sig.	Tipo de Curso			Sig.	
		Meio rural	Meio urbano	Total		Regular	Profissional	Total		
Pais	Fermentada	n	138	106	244	0.200	135	109	244	0.019
		%	85,7	78,5	82,4		87,7	76,8	82,4	
	Destiladas	n	6	5	11		6	5	11	
		%	3,7	3,7	3,7		3,9	3,5	3,7	
	Nenhuma	n	17	24	41		13	28	41	
		%	10,6	17,8	13,9		8,4	19,7	13,9	
Total		n	161	135	296	154	142	296		
		%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		
Mães	Fermentada	n	116	87	203	0.292	107	96	203	0.517
		%	70,7	64,0	67,7		69,0	36,2	67,7	
	Destiladas	n	2	0	2		1	1	2	
		%	1,2	0,0	0,7		0,6	0,6	0,7	
	Ambas	n	8	7	15		10	5	15	
		%	4,9	5,1	5,0		6,5	3,4	5,0	
	Nenhuma	n	37	42	79		37	42	79	
		%	22,6	30,9	26,3		23,9	29,0	26,3	
Total		n	163	136	299	155	145	300		
		%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		

Procedendo agora a uma análise dos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas por parte dos pais dos inquiridos (Quadro 6), e completando a informação do quadro anterior, verifica-se que a maior frequência na quantidade de consumo de bebidas alcoólicas é, para os pais, a categoria *mais de 6 copos*, independentemente de ser ao fim

de semana ou não, e na categoria *1 a 2 copos*, para as mães, também independentemente do período da semana.

Fazendo uma análise aos testes de significância, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível do consumo das mães dos alunos ($p < 0,05$), constatando-se que as mães dos alunos inseridos no meio rural consomem maior número de bebidas alcoólicas comparativamente às mães dos alunos inseridos em meios urbanos, independentemente do dia da semana.

No que respeita aos pais dos alunos, há a registar que, durante a semana, existem diferenças estatisticamente significativas relativas ao consumo de álcool, sendo os pais dos alunos da escola inserida no meio rural os que mais consomem durante a semana.

Quadro 6 - Quantidade de consumo de bebidas alcoólicas pelos pais dos alunos

		Pai				Mãe			
		Fim de semana		Durante a semana		Fim de semana		Durante a semana	
		n	%	n	%	n	%	N	%
Número de copos que bebe	Não consome	5	1,7	6	2,0	11	3,7	13	4,3
	1 a 2 copos	41	13,7	49	16,3	104	34,7	117	39,0
	3 a 5 copos	83	27,7	51	17	27	9,0	28	9,3
	Mais de 6 copos	103	34,3	123	41,0	100	33,3	82	27,3
	Não sabe	37	12,3	43	14,3	33	11	40	13,3
	Total	269	89,7	272	90,7	275	91,7	280	93,3
Sig.		0,187		0,048		0,010		0,002	

4.1.2.2 Hábitos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas por parte dos alunos

Pela análise do Quadro 7, verifica-se que a maioria dos indivíduos participantes no estudo consumiu pela primeira vez bebidas alcoólicas na pré-adolescência e adolescência.

Constatamos ainda que, maioritariamente, os alunos inseridos na escola do meio rural começaram a consumir bebidas alcoólicas mais cedo (51,8%), face aos alunos da escola do meio urbano (47,8%). O mesmo se verifica ao nível do tipo de curso e do sexo, sendo o curso regular (51,0%) e sexo feminino (55,1%), os que registam início de

consumo de bebidas alcoólicas mais cedo, sendo estes valores estatisticamente significativos ($p < 0,05$).

Quadro 7- Idade de início de consumo de bebidas alcoólicas

			Escola			Tipo de Curso			Sexo		
			Meio Rural	Meio Urbano	Total	Regular	Profissional	Total	Feminino	Masculino	Total
Idade em que iniciou o consumo	Infância (até aos 9 anos)	n	7	13	20	8	12	20	5	15	20
		%	4,7	9,6	6,6	5,2	8,3	6,6	3,7	9,2	6,6
	Pré adolescência (10-14 anos)	n	85	58	143	79	64	143	75	67	142
		%	51,8	42,6	47,6	51,0	44,1	47,6	55,1	41,1	47,4
	Adolescência (maiores que 15 anos)	n	72	65	137	68	69	137	56	81	137
		%	43,9	47,8	45,6	43,9	47,6	45,6	41,2	49,7	45,8
Total	n	164	136	300	155	145	300	136	163	299	
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Sig.		0,096			0,359			0,022			

Pela análise do Quadro 8, verifica-se que, independentemente da localização da escola, do tipo de curso e do sexo dos alunos, 54% dos sujeitos consumiram pela primeira vez bebidas alcoólicas com familiares.

Quadro 8 - Contexto para o início do consumo de bebidas alcoólicas

			Escola			Tipo de Curso			Sexo		
			Meio rural	Meio Urbano	Total	Regular	Profissional	Total	Feminino	Masculino	Total
Primeira vez que consumiu bebidas alcoólicas	Com a família	n	79	64	143	70	73	143	75	67	142
		%	54,1	52,9	53,6	50,4	57,0	53,6	60,2	46,2	53,4
	Com amigos	n	58	50	108	63	45	108	42	66	108
		%	39,7	41,3	40,4	45,3	35,2	40,4	34,7	45,5	40,6
	Refeição	n	3	4	7	2	5	7	1	6	7
		%	2,1	3,3	2,6	1,4	3,9	2,6	0,8	4,1	2,6
	Viagem de finalistas / de estudo	n	5	2	7	3	4	7	3	4	7
		%	3,4	1,7	2,6	2,2	3,1	2,6	2,5	2,8	2,6
	Sozinho	n	1	1	2	1	1	2	0	2	2
		%	0,7	0,8	0,7	0,7	0,8	0,7	0,0	1,4	0,8

Total	n	146	121	267	139	128	267	121	145	266
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sig.		0,867			0,400			0,052		

Pelos resultados do Quadro 9, há a registar que a quantidade de álcool consumida pelos jovens, com maior frequência, durante a semana, é de *mais de 6 copos* (52%).

Verificamos diferenças significativas ($p < 0,05$) para a quantidade de álcool consumida pelos jovens, quando consideramos o seu sexo e o tipo de escola que frequentam, sendo estes valores mais elevados ao nível do consumo de bebidas alcoólicas ao nível de *mais de 6 copos*, face aos que consomem menos quantidades de álcool por semana.

Quadro 9 - Quantidade de consumo de bebidas alcoólicas pelos alunos

		Escola			Tipo de Curso			Sexo		Total		
		Meio rural	Meio Urbano	Total	Regular	Profissional	Total	Feminino	Masculino			
Número de copos que bebe durante a semana	Não bebi bebidas alcoólicas	n	7	0	7	3	4	7	6	1	7	
		%	4,7	0,0	2,6	2,2	3,1	2,6	5,0	0,7	2,6	
	Bebi um ou dois copos	n	51	38	89	44	45	89	42	46	88	
		%	34,2	31,7	33,1	31,7	34,6	33,1	35,3	30,9	32,8	
	Bebi 3 a 5 copos	n	14	20	34	12	22	34	8	26	34	
		%	9,4	16,7	12,6	8,6	16,9	12,6	6,7	17,4	12,7	
	Bebi mais de 6 copos	n	77	62	139	80	59	139	63	76	139	
		%	51,7	51,6	51,7	57,5	45,4	51,7	53,0	51,0	51,9	
	Total		n	149	120	269	139	130	269	119	149	268
			%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	Sig.		0,105			0,217			0,010			

O Quadro 10 mostra que o consumo de álcool é percebido, com maior frequência (42%), como *nem agradável / nem desagradável*, e 33% como agradável e verificaram-se diferenças significativas nesta perceção relativamente ao sexo.

Em geral, os inquiridos consideram o álcool como agradável ou muito agradável, sendo estes resultados considerados estatisticamente significativos ($p < 0,05$) ao nível do sexo dos sujeitos, uma vez que os resultados são estatisticamente mais elevados ao nível

dos sujeitos do sexo masculino, os quais afirmam que o álcool causa efeito agradável (37,6%), e os sujeitos do sexo feminino (50,0%) consideram que o álcool causa efeito nem agradável/nem desagradável.

Quadro 10 – Agradabilidade do consumo de álcool

		Escola			Sexo			Tipo de Curso			
		Meio Rural	Meio Urbano	Total	Feminino	Masculino	Total	Regular	Profissional	Total	
Opinião dos alunos sobre o efeito causado pelo consumo de bebidas alcoólicas	Muito agradável	N	13	9	22	3	19	22	15	7	22
		%	8,3	6,8	7,6	2,3	12,1	7,7	9,9	5,1	7,6
	Agradável	N	51	43	94	35	59	94	52	42	94
		%	32,7	32,6	32,6	26,9	37,6	32,8	34,4	30,7	32,6
	Nem agradável / nem desagradável	N	68	53	121	65	56	121	62	59	121
		%	43,6	40,2	42,0	50,0	35,7	42,2	41,1	43,1	42,0
	Desagradável	N	9	4	13	7	6	13	8	5	13
		%	5,8	3,0	4,5	5,4	3,8	4,5	5,3	3,6	4,5
	Muito desagradável	N	4	3	7	3	4	7	2	5	7
		%	2,6	2,3	2,4	2,3	2,5	2,4	1,3	3,6	2,4
	Não sei	N	11	20	31	17	13	30	12	19	31
		%	7,1	15,2	10,8	13,1	8,3	10,5	7,9	13,9	10,8
	Total	N	156	132	288	130	157	287	151	137	288
		%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sig.		0,307			0,005			0,225			

O Quadro 11 procede à identificação dos locais e circunstâncias onde os pais dos indivíduos autorizam os seus filhos a consumirem bebidas alcoólicas. No contexto familiar, 152 inquiridos (50,7%) têm autorização do pai e 148 (49,3%) da mãe para esse consumo.

Em situação idêntica a esta estão as festas em casa, onde ambos os cônjuges autorizam o consumo de álcool.

Quadro 11– *Percepção de aceitabilidade do consumo de álcool por parte da família.*

	Pai		Mãe	
	n	%	N	%
Beber sozinho em casa	18	6,0	21	7,0
Beber em casa com a família	152	50,7	148	49,3
Com amigos em casa	84	28,0	75	25,0
Numa festa em casa	168	56,0	164	54,7
Numa festa com amigos	113	37,7	108	36,0
Nas discotecas	90	30,0	83	27,7

No que diz respeito aos Quadros 12 e 13, verifica-se que os alunos inquiridos, independentemente do tipo de curso, localização da escola e sexo, consideram que nunca se sentiram pressionados pelos colegas (73%) e pelos pais (88%) para o consumo de bebidas.

Quadro 12- *Pressão dos pares para o consumo de bebidas alcoólicas*

			Escola		Total	Sexo		Total	Tipo de Curso		Total
			Meio Rural	Meio Urbano		Feminino	Masculino		Regular	Profissional	
"Alguma vez te sentiste pressionado pelos teus amigos para beber?"	Muitas vezes	n	0	3	3	0	3	3	1	2	3
		%	0,0	2,2	1,0	0,0	1,0	1,0	0,3	0,7	1,0
	Várias vezes	n	5	2	7	3	4	7	3	4	7
		%	3,1	2,2	2,3	1,0	1,3	2,4	1,0	1,3	2,3
	Algumas vezes	n	14	7	21	8	13	21	11	10	21
		%	8,6	5,1	7,0	2,7	4,4	7,1	3,7	3,4	7,0
	Raras vezes	n	29	20	49	24	25	49	22	27	49
		%	17,9	14,7	16,4	8,1	8,4	16,5	7,4	9,1	16,4
	Nunca	n	114	104	218	101	116	217	117	101	218
		%	70,4	76,5	73,2	34,0	39,1	73,1	39,3	33,9	73,2
Total		n	162	136	298	136	161	297	154	144	298
		%	100,0	100,0	100,0	45,8	54,2	100,0	51,7	48,3	100,0
Sig.			0,164			0,507			0,759		

Quadro 13 - Os pais como incentivo ao consumo de bebidas alcoólicas

		Escola			Sexo			Tipo de Curso			
		Meio Rural	Meio Urbano	Total	Feminino	Masculino	Total	Regular	Profissional	Total	
"Alguma vez te sentiste pressionado pelos teus pais para beber?"	Muitas vezes	n	1	2	3	0	3	3	2	1	3
		%	0,6	1,5	1,0	0,0	1,9	1,0	1,3	0,7	1,0
	Várias vezes	n	3	1	4	1	3	4	3	1	4
		%	1,8	0,7	1,3	0,7	1,9	1,3	1,9	0,7	1,3
	Algumas vezes	n	4	1	5	3	2	5	1	4	5
		%	2,5	0,7	1,7	2,2	1,2	1,7	0,6	3,8	1,7
	Raras vezes	n	19	5	24	14	10	24	10	14	24
		%	11,7	3,7	8,1	10,3	6,2	8,1	6,5	9,7	8,1
	Nunca	n	136	126	262	118	143	261	138	124	262
		%	83,4	93,3	87,9	86,8	88,8	87,9	89,6	86,1	87,9
	Total	n	163	135	298	136	161	297	154	144	298
		%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sig.		0,057			0,267			0,377			

Pela análise do Quadro 14, verifica-se que 20% dos alunos inseridos na escola de um meio rural consideram que *mais de metade* (36,8%) das pessoas que conhecem são consumidores de bebidas alcoólicas, enquanto que os alunos referentes à escola inserida num meio urbano (39%), consideram que *quase todas* as pessoas conhecidas são consumidores de bebidas alcoólicas, sendo estas diferenças significativas ao nível estatístico ($p < 0.05$). No que respeita ao sexo dos inquiridos, há a registar que para os do sexo feminino, maioritariamente, (32,4%), todas as pessoas que conhecem são consumidoras de bebidas alcoólicas, enquanto os alunos do sexo masculino referem que maioritariamente *mais de metade* (35,8%) das pessoas que conhecem são consumidoras de bebidas alcoólicas. Por último, e no que respeita ao tipo de curso, independentemente de os alunos estarem inseridos no curso regular ou profissional, há a registar que maioritariamente, (32,4%), mais de metade das pessoas que conhecem são consumidoras de bebidas alcoólicas.

Quadro 14 - Quantidade de pessoas conhecidas que consomem bebidas alcoólicas

			Escola		Total	Sexo		Total	Tipo de Curso		Total	
			Meio Rural	Meio Urbano		Feminino	Masculino		Regular	Profissional		
"Quantas pessoas conheces que bebem?"	Quase todas	n	39	53	92	44	48	92	46	46	92	
		%	23,9	39,0	30,8	32,4	29,6	30,9	29,9	29,9	30,8	
	Mais de metade	n	60	37	97	38	58	96	47	50	97	
		%	36,8	27,2	32,4	27,9	35,8	32,2	30,5	34,5	32,4	
	Metade	n	43	25	68	36	32	68	37	31	68	
		%	26,4	18,4	22,7	26,5	19,8	22,8	24,0	21,4	22,7	
	Menos de metade	n	14	12	26	13	13	26	17	9	26	
		%	8,6	8,8	8,7	9,6	8,0	8,7	11,0	6,2	8,7	
	Quase ninguém	n	7	9	16	5	11	16	7	9	16	
		%	4,3	6,6	5,4	3,7	6,8	5,4	4,5	6,2	5,4	
	Total		n	163	136	299	136	162	298	154	145	299
			%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sig.			0,034			0,331			0,546			

Por último, procuramos analisar a recusa dos indivíduos ao consumo de bebidas alcoólicas (ver quadro 15).

Verificamos, em todas as respostas obtidas, um denominador comum: percentagem de inquiridos com a certeza de não beber.

Quadro 15 - Distribuição das respostas dos indivíduos respetivamente a hábitos de consumo de bebidas alcoólicas

		n	%
Quando estás com pessoas que bebem és capaz de não beber?	Tenho a certeza / tenho alguma certeza que não bebo	185	61,7
	Não sei	70	23,3
	Alguma certeza / tenho a certeza que bebo	43	14,3
Quando estás com amigos que estão a beber és capaz de não beber?	Tenho a certeza / tenho alguma certeza que não bebo	162	54,0
	Não sei	67	22,3
	Alguma certeza / tenho a certeza que bebo	68	22,6
Quando te oferecem um copo és capaz de não beber?	Tenho a certeza / tenho alguma certeza que não bebo	137	45,6
	Não sei	73	24,3
	Alguma certeza / tenho a certeza que bebo	87	29
Quando sai com os teus amigos à noite é capaz de não beber?	Tenho a certeza / tenho alguma certeza que não bebo	137	45,6
	Não sei	63	21,0

	Alguma certeza / tenho a certeza que bebo	98	32,7
Quando estás na discoteca com os teus amigos és capaz de não beber?	Tenho a certeza / tenho alguma certeza que não bebo	134	44,7
	Não sei	73	24,3
	Alguma certeza / tenho a certeza que bebo	91	30,3
Quando saís com os teus amigos à tarde, és capaz de não beber?	Tenho a certeza / tenho alguma certeza que não bebo	189	63,0
	Não sei	69	23,0
	Alguma certeza / tenho a certeza que bebo	39	13,0

4.1.3 Caracterização e Hábitos Pessoais

O Quadro 16 mostra que 44% dos indivíduos, independentemente da localização da escola, do sexo e do tipo de curso, consideram que estão em forma física.

Há a referir que as distribuições dos resultados ao nível da variável *sexo* e *tipo de curso* são estatisticamente significativas ($p = 0.00$), sendo que os valores são mais elevados ao nível dos inquiridos que afirmam estar em forma, independentemente do tipo de curso e do sexo.

Quadro 16 - Distribuição das respostas dos indivíduos relativamente à questão "achas que estás em forma?"

			Escola			Sexo			Tipo de Curso			
			Meio rural	Meio urbano	Total	Feminino	Masculino	Total	Regular	Profissional	Total	
"Achas que estás em forma?"	Nada em forma	n	6	7	13	10	3	13	1	12	13	
		%	3,7	5,1	4,3	7,4	1,9	4,4	0,6	8,3	4,3	
	Pouco em forma	n	17	21	38	20	17	37	16	22	38	
		%	10,4	15,4	12,7	14,7	10,5	12,4	10,3	15,3	12,7	
	Não tenho a certeza	n	37	28	65	39	26	65	28	37	65	
		%	22,7	20,6	21,7	28,7	16,0	21,8	18,1	25,7	21,7	
	Em forma	n	79	53	132	55	77	132	74	58	132	
		%	48,5	39,0	44,1	40,4	47,5	44,3	47,7	40,3	44,1	
	Muito em forma	n	24	27	51	12	39	51	36	15	51	
		%	14,7	19,9	17,1	8,8	24,1	17,1	23,2	10,4	17,1	
	Total		n	163	136	299	136	162	298	155	144	299
			%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sig.			0,326			0,000			0,000			

Pela análise do Quadro 17, há a referir que a maioria dos alunos inseridos na escola do meio rural, (45,3%), pratica menos desporto em número de horas por semana, face aos alunos inseridos na escola do meio urbano (54,9%). No que respeita ao sexo dos alunos, também há a registar que os alunos do género feminino praticam menos desporto por semana (48,8%), face aos de sexo masculino (53,9%), sendo os resultados estatisticamente significativos ($p < 0,05$), verificando-se a mesma situação no que respeita ao tipo de curso, sendo as diferenças dos resultados estatisticamente significativas, registando que os alunos do ensino regular, na sua maioria, consideram que despendem mais tempo por semana na prática de atividades físicas comparativamente com os do curso profissional.

Quadro 17- *Distribuição do número de horas que os indivíduos despendem por semana, em exercício físico, dentro e fora da escola*

			Escola		Total	Sexo		Total	Tipo de Curso		Total	
			Meio rural	Meio urbano		Feminino	Masculino		Regular	Profissional		
Tempo dispensado na pratica de atividades físicas	Nenhuma	n	3	0	3	3	0	3	0	3	3	
		%	2,3	0,0	1,3	2,4	0,0	1,3	0,0	2,6	1,3	
	1 a 3 horas semanais	n	58	38	96	62	33	95	34	62	96	
		%	45,3	37,3	41,7	48,8	32,4	41,5	29,8	53,4	41,7	
	4 a 6 horas semanais	n	54	56	110	55	55	110	63	47	110	
		%	42,2	54,9	47,8	43,3	53,9	48,0	55,3	40,5	47,8	
	7 ou mais horas semanais	n	13	8	21	7	14	21	17	4	21	
		%	10,2	7,8	9,1	5,5	13,7	9,2	14,9	3,4	9,1	
	Total		n	128	102	230	127	102	229	114	116	230
			%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sig.			0.137			0.000			0.009			

O Quadro 18 informa sobre os tipos de atividade física e a frequência com que são praticados.

Verifica-se uma maior percentagem (96%) de jovens a praticar, com regularidade, desportos coletivos, relativamente às atividades de ginásio (84%) e de desportos individuais (61%).

Quadro 18 - Estatística descritiva da escala de frequências de atividade física, que os indivíduos desempenham na escola

Desportos		N	%
Desportos individuais	Nunca / Raramente	117	39,5
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	179	60,5
Atividades de ginásio	Nunca / Raramente	48	16,5
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	243	83,5
Desportos coletivos	Nunca / Raramente	12	4,1
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	284	95,9

Quanto à análise do Quadro 19, 50% dos indivíduos, independentemente da localização da escola e do sexo, consideram que são bastante sociáveis. Verificamos diferenças significativas quando consideramos o tipo de escola ($p=0,02$) e o sexo ($p=0,00$), sendo que ao nível dos alunos do sexo masculino (53,4%), estes consideram-se bastante mais sociáveis face aos do sexo feminino (45,6%). Já os do meio rural, apresentam (56,2%) níveis mais elevados de bastante sociáveis face aos do meio urbano (41,9%).

Quadro 19 - Distribuição dos indivíduos por critério de sociabilização

			Escola		Total	Sexo		Total	Tipo de Curso		Total
			Meio rural	Meio urbano		Feminino	Masculino		Regular	Profissional	
"Consideras-te uma pessoa social"	Nada	n	4	0	4	3	1	4	2	2	4
		%	2,5	0,0	1,4	2,2	0,6	1,4	1,3	1,4	1,4
	Pouco	n	10	14	24	15	8	23	7	17	24
		%	6,2	10,3	8,1	11,0	5,0	7,8	4,6	11,9	8,1
	Não tenho a certeza	n	32	34	66	39	27	66	29	37	66
		%	20,0	25,0	22,3	28,7	17,0	22,4	19,0	25,9	22,3
	Bastante	n	90	57	147	62	85	147	83	64	147
		%	56,2	41,9	49,7	45,6	53,5	49,8	54,2	44,8	49,7
	Muito	n	24	31	55	17	38	55	32	23	55
		%	15,0	22,8	18,6	12,5	23,9	18,6	20,9	16,1	18,6
	Total	n	160	136	296	136	159	295	153	143	296
		%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sig.			0,024			0,004			0,068		

De seguida, (Quadro 20), faz-se a análise descritiva da escala de hábitos sociais; neste sentido, e no âmbito das atividades que mais vezes são realizadas pelos indivíduos uma vez por semana ou mais, encontra-se referida por 75,6% dos inquiridos, o convívio familiar, por 71,8% dos casos, a frequência de clubes e associações, e o hábito de ir dançar, por 65,7%.

Quadro 20 - Análise descritiva da escala de hábitos dos indivíduos

		n	%
Sair com amigos	As vezes	121	40,3
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	172	59,7
Ir a festas em casa de amigos	As vezes	192	64,2
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	107	35,8
Ir a discotecas / Bares	As vezes	139	46,5
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	160	53,5
Convívio familiar	As vezes	72	24,4
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	223	75,6
Ir dançar	As vezes	102	34,3
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	195	65,7
Jantar num restaurante (com amigos)	As vezes	178	59,7
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	120	40,3
Frequentar clube ou associação	As vezes	82	28,2
	Uma vez ou mais que uma vez por semana	209	71,8

Realizando uma análise ao Quadro 21, revela-se-nos que, independentemente da localização da escola, do sexo e do tipo de curso, 74% dos indivíduos consideram que gostam *bastante/muito* de atividades sociais, sendo estes resultados estatisticamente significativos ($p < 0,05$) ao nível do tipo de curso, revelando valores mais elevados ao nível dos alunos do curso regular (83,3%) face aos alunos do curso profissional (64,5%).

Quadro 21 - Distribuição das respostas dos indivíduos relativas à questão "quanto gostas de atividades sociais?"

			Escola			Sexo			Tipo de Curso		
			Meio rural	Meio urbano	Total	Feminino	Masculino	Total	Regular	Profissional	Total
"Quanto gostas de atividades sociais"	Nada / Pouco	n	41	36	77	37	40	77	26	51	77
		%	25,2	26,5	25,8	27,4	24,5	25,8	16,7	35,5	25,8
	Bastante / Muito	n	122	100	222	98	123	221	129	93	222
		%	74,8	73,5	74,2	72,6	75,5	74,2	83,3	64,5	74,2
Total		n	163	136	299	135	163	298	155	144	299
		%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Sig.			0,795			0,573			0,000		

Por último, os indivíduos foram questionados acerca do tipo de uso que faziam da *internet*, (Quadro 22). Assim, verificou-se que, ao nível de consulta de sítios relativos a passatempos e interesses, 89,0% referem que utilizam a internet com essa finalidade. No que se refere a *chattings*, 73,3% indicou que fazem da internet uma ferramenta com essa função. No que respeita a pesquisas em sítios para ajuda e aconselhamento, 53,0% afirma que usa a internet com essa finalidade. Ainda no uso da internet como ferramenta de suporte a trabalhos escolares, foram registados 286 casos, referentes a 95,3% da amostra. Quanto ao facto de fazerem da internet ferramenta para envio de mensagens no *myspace*, *facebook*, e *twiter*, a maioria dos indivíduos afirma que também o faz (81,3%).

Quanto aos *blogues*, apenas 32,0% dos alunos acedem a esses conteúdos.

Por último, e no que concerne ao uso da internet como ferramenta de lazer enquanto jogos *online*, 64,7% dos indivíduos indica que usa a internet para esse fim.

Em síntese, a internet é usada de forma recorrente como ferramenta de suporte a pesquisas para trabalhos escolares e de lazer.

Quadro 22 - *Distribuição das respostas dos indivíduos relativamente ao tipo de uso que fazem da internet*

	n	%
Consultar os sítios relativos aos meus passatempos e interesse	267	89,0
<i>Chatting</i> (por exemplo, MSN)	221	73,7
Pesquisa em sites para ajuda e aconselhamento	159	53,0
Trabalhos escolares	286	95,3
Trocar mensagens no <i>MySpace</i> , <i>Facebook</i> , <i>Twitter</i> , etc.	244	81,3
Atualizar o meu Blogue / sítio	96	32,0
Jogar	194	64,7

4.1 Discussão de Resultados

Nesta fase do estudo, são discutidos os resultados expostos anteriormente. Para isso, abordaram-se os objetivos específicos definidos, tendo por base os resultados dos testes aplicados. Neste seguimento, destacam-se também algumas das variáveis que se revelam mais pertinentes, no âmbito deste estudo.

Consoante se vão analisando os dados, vão-se delineando algumas conclusões, com base, por um lado, nos resultados da investigação empírica e, por outro, nos aspetos teóricos desenvolvidos na I Parte, bem como se elabora uma análise crítica sobre as opções metodológicas do estudo.

Relativamente à análise dos resultados, constatamos que a amostra deste estudo é constituída por 300 estudantes de duas escolas secundárias inseridas em meio urbano e meio rural. Portanto, na análise sociodemográfica dos participantes do estudo verifica-se que 164 alunos frequentam uma escola em meio rural, enquanto os restantes 136 alunos estudam numa escola inserida em meio urbano. Já no que se refere ao tipo de curso, verificam-se 155 sujeitos enquadrados nos cursos de ensino regular e 145 a frequentar o ensino profissional. Há ainda a referir que a maioria dos alunos do ensino regular e profissional são do sexo masculino, constituindo 54,5% da amostra.

Ao nível do curso regular, e da escola inserida em meio rural, há a referir que a maioria dos alunos se encontra inserida num intervalo de idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos, verificando-se, assim, diferenças estatisticamente significativas entre as idades dos alunos dos cursos regular e profissional.

Ao nível do tipo de famílias, dos 300 inquiridos, 52,7% dos alunos (a maioria) vivem numa família nuclear, ou seja, numa família tradicional composta pelo pai, mãe e filhos.

Relativamente aos níveis de escolaridade dos pais, e mais concretamente ao das mães, a maioria possui escolaridade ao nível do ensino básico, correspondendo a 69,9% da amostra; nos pais (sexo masculino) verifica-se que, nas habilitações académicas, o ensino secundário representa aproximadamente 50% da amostra. Verifica-se ainda que há diferenças estatisticamente significativas entre os níveis de escolaridade das mães, e também dos pais, relativamente ao tipo de escola (meio rural vs meio urbano) e ainda ao tipo de curso (regular vs profissional).

No que respeita aos hábitos, quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, numa primeira parte, vamos analisar estes hábitos nos pais relativamente a esse consumo e, numa segunda parte, nos alunos (adolescentes).

Na primeira parte, relativamente aos hábitos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas por parte dos pais, verifica-se o maior consumo de bebidas fermentadas, quer por parte dos pais, quer por parte das mães, e independentemente do tipo de escola e do tipo de curso. No que respeita aos pais que não consomem qualquer tipo de bebidas alcoólicas, eles são mais frequentes nas escolas de meio urbano e nos cursos profissionais. Regista-se que foram verificadas diferenças estatisticamente significativas ao nível do consumo de bebidas alcoólicas por parte dos pais dos alunos, relativamente ao tipo de curso. Verifica-se ainda que a maior frequência na quantidade de consumo de bebidas alcoólicas é, para os pais, a categoria *mais de 6 copos*, independentemente de ser ao fim de semana ou não, e na categoria *1 a 2 copos*, para as mães, também independentemente do período da semana. Através da análise inferencial, verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível do consumo das mães dos alunos, apurando-se que as mães dos alunos inseridos no meio rural consomem um maior número de bebidas alcoólicas comparativamente às mães dos alunos inseridos em meios urbanos, independentemente do dia da semana. No que respeita aos pais dos alunos, há a registar que, durante a semana, existem diferenças estatisticamente significativas relativas ao consumo de álcool, sendo os pais dos alunos da escola inserida no meio rural os que mais consomem durante a semana.

Tal como podemos verificar, e em regra geral, os pais dos alunos são consumidores de bebidas alcoólicas, o que poderá influenciar os comportamentos dos seus filhos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, tal como refere Nunes e Jólluskin (2007), em que os modelos parentais são determinantes no desenvolvimento de certos comportamentos e na aquisição de certos hábitos e no seio familiar, muitos são os fatores que podem contribuir para a adoção ou não de comportamentos aditivos, como é o caso do alcoolismo. Verifica-se assim que a educação assume um papel muito importante; o ideal não é uma educação nem muito rígida e repressora, nem muito negligente e de pouca supervisão

A segunda parte, relativa aos hábitos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas por parte dos alunos, verifica-se que a maioria dos alunos consumiu pela primeira vez bebidas alcoólicas na pré-adolescência e adolescência, sendo que na adolescência iniciam-se muitos dos comportamentos relevantes para a saúde, tal como as escolhas

alimentares e o exercício físico por exemplo, comportamentos que influenciam a morbidade e mortalidade nesta fase da vida de cada jovem (Oliveira, Albuquerque, Carvalho, Sendin& Silva, 2009). Nesta idade, os comportamentos de risco que devem ter a atenção dos pais, familiares, professores e da comunidade em geral são, por exemplo, o consumo de álcool, tabaco, drogas, práticas sexuais, hábitos alimentares, tentativas de suicídio (Ferreira, 2003).

Constatamos ainda que 28% dos alunos na escola em meio rural e 26% dos alunos a frequentar o ensino regular começaram a consumir bebidas alcoólicas na fase da pré-adolescência (10 – 14 anos), enquanto 22% dos alunos na escola do meio urbano e 23% dos do curso profissional começaram a consumir bebidas alcoólicas na fase da adolescência (15 anos). Desta forma, segundo a teoria de Nunes e Jóluskin (2007), no que respeita ao contexto escolar, verifica-se que a escola consiste numa instituição de socialização determinante de muitos dos futuros comportamentos do indivíduo; daí a sua importância enquanto contexto de ações preventivas, quer no âmbito do consumo de álcool, quer no respeitante ao consumo de outras substâncias, onde poderá estar a falhar essa intervenção para a redução do índice de consumo de bebidas alcoólicas.

Nos indivíduos do sexo feminino, a maioria começou a consumir bebidas alcoólicas mais cedo do que os do sexo masculino, uma vez que há a referir que os sujeitos do sexo feminino começaram a consumir bebidas alcoólicas na fase da pré-adolescência, ao contrário dos do sexo masculino que começaram a consumir na fase da adolescência, ou seja, mais tardiamente. Verificamos uma maior percentagem de jovens do sexo feminino que iniciam o seu consumo de bebidas alcoólicas na pré-adolescência, relativamente ao sexo masculino (25% vs 22%, respetivamente), e o inverso no período da adolescência (19% vs 27%). Através da análise inferencial, constatou-se assim que as diferenças entre os sexos na idade de início do consumo de álcool é estatisticamente significativa. Neste sentido, foi possível verificar que apesar de os rapazes continuarem a consumir maiores quantidades de álcool, o consumo de bebidas alcoólicas tem-se vindo a aproximar entre rapazes e raparigas, vindo este resultado a reforçar a teoria de Matos, et. al. (2000): os rapazes adolescentes são consumidores de bebidas alcoólicas com maior frequência.

Neste estudo, é possível verificar que os problemas ligados ao álcool são maiores nos rapazes, principalmente os relacionados com confrontos físicos e problemas com a polícia, vindo este resultado a reforçar a ideia de que o consumo

excessivo de álcool constitui um dos maiores problemas de saúde pública, tendo como consequências efeitos nefastos entre adolescentes e jovens adultos, como é o caso de uma análise efetuada por Pichard e Paune (2005, citados por Nunes & Jólluskin, 2007, p.191) que refere que “numa população de jovens australianos detidos com idades entre os 12 e os 19 anos, o álcool era a droga mais consumida por 37.6% dos indivíduos”.

Contudo, para outro tipo de problemas, tais como mau desempenho escolar e dificuldades de relacionamento com os pais e colegas, as médias são sensivelmente idênticas para ambos os sexos. A comparação dos dados permite concluir que, no consumo de álcool, os resultados se situam abaixo da média europeia ou na média, havendo mesmo uma estabilidade ou diminuição dos indicadores do álcool face a 2007. (ESPAD, 2011 ; Ministério da Saúde, 2012).

Através deste estudo, verifica-se que o consumo de bebidas alcoólicas se iniciou em contexto familiar (aproximadamente em 54% dos inquiridos), independentemente da localização da escola, do tipo de curso e do sexo dos alunos, não se constatando diferenças estatisticamente significativas quando consideramos a escola e o tipo de curso que frequentam, bem como o seu sexo; portanto, o contexto familiar é dos mais importantes no que concerne às possibilidades de o jovem vir ou não a ser um consumidor problemático de álcool, pois as atitudes/comportamentos dos pais revelam uma grande importância, podendo mesmo vir a constituir-se em fatores de risco ou de proteção, relativamente ao consumo abusivo de álcool por parte dos filhos (Secades, 2001).

Relativamente à quantidade de álcool consumida pelos jovens com maior frequência, durante a semana, é de *mais de 6 copos* (52%), verificando-se também diferenças significativas para a quantidade de álcool consumida pelos jovens, quando consideramos o seu sexo e o tipo de escola que frequentam.

No que toca à forma como é percebido o consumo de álcool, a maior frequência (42%), incide na opção *Nem agradável / nem desagradável*, e verificaram-se diferenças significativas nesta perceção relativamente ao sexo, pois, no caso dos rapazes, a maioria considera que o álcool causa um efeito agradável, enquanto as raparigas, na sua maioria, não têm opinião formada.

Analisando a identificação dos locais e circunstâncias onde os pais dos indivíduos autorizam os seus filhos a consumirem bebidas alcoólicas, conclui-se que no contexto familiar, 152 inquiridos (50,7%) têm autorização do pai e 148 (49,3%) têm o aval da mãe para esse consumo. Verificamos que mais de metade dos alunos tem a

percepção de que o seu pai e a sua mãe aceitam o consumo de bebidas alcoólicas em casa e na família (51% e 49%, respetivamente), numa festa e em casa (56% e 55%, respetivamente). Em situação idêntica a esta estão as festas em casa, onde ambos os cônjuges autorizam o consumo de álcool. Desta forma, reforça-se o modelo de orientação de pais (Nunes & Jóluskin 2007), no qual se procura estabelecer e reforçar o controlo dos pais sobre os filhos, reduzindo o poder de influência dos pares e promovendo uma atitude de abertura para a compreensão dos filhos e para o estabelecimento de diálogo com eles.

Verifica-se também que os alunos inquiridos, independentemente do tipo de curso e localização da escola e sexo, consideram que nunca se sentiram pressionados pelos colegas (73%) e pelos pais (88%) para o consumo de bebidas.

Destacam-se também diferenças significativas no facto de a maioria dos alunos inseridos na escola de um meio rural considerarem que mais de metade das pessoas que conhecem são consumidores de bebidas alcoólicas, enquanto os alunos referentes à escola inserida num meio urbano consideram que quase todas as pessoas conhecidas são consumidores de bebidas alcoólicas. No que respeita aos indivíduos do sexo masculino, a maioria considera que mais de metade das pessoas que conhecem são consumidores de bebidas alcoólicas, enquanto os do sexo feminino consideram que quase todas as pessoas que conhecem consomem bebidas alcoólicas. Ainda sobre estes resultados, há a referir que, tanto no caso dos alunos a frequentarem cursos do ensino regular como nos do profissional, a maioria considera que mais de metade das pessoas que conhecem consome bebidas alcoólicas. Um outro estudo, realizado por Teixeira (2008), pretendeu caracterizar o padrão de consumo de bebidas alcoólicas dos jovens transmontanos e demonstrar que o mesmo deverá ser entendido como uma das formas de lazer que a sociedade atual disponibiliza aos jovens, nos países industrializados e/ou em vias de desenvolvimento. Participaram neste estudo 1632 indivíduos, oriundos dos distritos de Vila Real (391 homens e 608 mulheres) e de Bragança (277 homens e 357 mulheres). Estes grupos foram subdivididos em função das variáveis independentes em estudo: sexo, faixa etária (15-17 e 18-20 anos de idade), local de residência (urbanos *vs.* rural), nível de ensino (3º ciclo, secundário, superior e não estudante), se eram fumadores e se praticavam desporto. Os resultados revelaram que a grande maioria dos jovens (91,45%) já ingeriu bebidas alcoólicas e 60,6% é consumidor atual; ambos os sexos apresentam o mesmo padrão (consomem ao fim-de-semana) e, apesar de o sexo

masculino consumir mais do que o feminino, há uma aproximação dos níveis de consumo; as preferências recaem sobre a cerveja, seguindo-se as bebidas destiladas.

Para terminar a análise aos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas dos indivíduos inquiridos, foram realizadas algumas questões que pretendem analisar a resistência dos indivíduos ao consumo de bebidas alcoólicas. Destaca-se, em todas as respostas obtidas, um denominador comum: uma elevada percentagem de inquiridos com a certeza de não beber, nas situações apresentadas. Assim, no caso de estarem acompanhados por pessoas que bebem, 61,7% dos jovens afirmam resistir e têm a certeza de não irem beber. Por sua vez, 54,0% afirmam também não o fazer quando acompanhados por amigos que se encontram a ingerir álcool. No respeitante à questão da resistência na situação em que lhes é oferecida uma bebida, 45,6% afirmam manter-se firmes na sua decisão. Interrogados sobre a resistência ao álcool quando saem com os amigos, 45,6% afirmam ter a certeza de que não vão beber. No caso de se encontrarem em discotecas, 44,7% afirmam que resistem ao consumo de bebidas alcoólicas. Por último, e no que concerne à questão de serem capazes de não beberem quando saem à tarde, e tal como aconteceu com as respostas anteriores, 63,0% dos indivíduos afirmam saber resistir ao consumo do álcool.

Neste sentido, Vinagre e Lima (2006) realizaram um estudo com o objetivo de analisar o papel da experiência de consumo dos adolescentes nos julgamentos de risco e verificar a influência do género e idade conjuntamente com as práticas de consumo nos julgamentos de risco. A amostra era constituída por 585 alunos (44,4% do género masculino e 55,6% do género feminino), com idades compreendidas entre 15 e 21 anos, a frequentar o ensino secundário (10º, 11º e 12ºanos) em escolas públicas do centro e periferia de Lisboa. Os resultados revelaram que, na generalidade, são as raparigas, os adolescentes de faixa etária mais baixa e os que possuem menos experiência que apresentam maior perceção do risco; quanto maior o seu envolvimento nos consumos, menor a estimativa de risco; e os adolescentes que não consomem percebem-se mais suscetíveis às consequências negativas destes consumos, quando comparados com os que têm essa experiência. Outro aspeto bastante importante neste estudo diz respeito à caracterização e hábitos pessoais, onde se destaca que 44% os indivíduos, independentemente da localização da escola, do sexo e do tipo de curso, consideram que estão em forma física. No que diz respeito ao tipo de escola, há a referir que a maioria dos indivíduos referentes à escola inserida no meio rural considera que despendem entre uma a três horas semanais na prática de atividades físicas, enquanto os da escola

inserida em meio urbano despendem maioritariamente quatro a seis horas semanais. Os indivíduos do sexo masculino afirmam despendem entre quatro a seis horas semanais para a prática de desporto, enquanto as raparigas apenas ocupam entre uma a três horas semanais. De registar ainda que os alunos inseridos no ensino regular, na sua maioria, consideram que despendem mais tempo por semana na prática de atividades físicas comparativamente com os do profissional. Verifica-se uma maior percentagem (96%) de jovens a praticar, com regularidade, desportos coletivos, relativamente às atividades de ginásio (84%) e de desportos individuais (61%).

Quanto à sociabilidade, os jovens inquiridos, independentemente da localização da escola e do sexo, consideram que são bastante sociáveis.

Na análise descritiva da escala de hábitos sociais e no âmbito das atividades que mais vezes são feitas pelos indivíduos mais do que uma vez por semana, encontram-se, em 71,8% dos casos, a frequência de clubes e associações, logo seguida do hábito de ir dançar, verificada em 65,7% dos inquiridos. Independentemente da localização da escola, do sexo e do tipo de curso, 74% dos indivíduos consideram que gostam bastante/muito de atividades sociais. Por último, os indivíduos foram questionados acerca do tipo de uso que faziam da *internet*, (quadro 22). Assim, verificou-se que, ao nível de consulta de sítios relativos a passatempos e interesses, 89,0% referem que utilizam a internet com essa finalidade. No que se refere a *chattings*, 73,3% indicou que fazem da internet uma ferramenta com essa função. No que respeita a pesquisas em sítios para ajuda e aconselhamento, 53,0% afirma que usa a internet com essa finalidade. Ainda no uso da internet como ferramenta de suporte a trabalhos escolares, foram registados 286 casos, referentes a 95,3% da amostra. Quanto ao facto de fazerem da internet ferramenta para envio de mensagens no *myspace*, *facebook* e *twitter*, a maioria dos indivíduos afirma que também o faz (81,3%). Quanto aos blogues, apenas 32,0% dos alunos acedem a esses conteúdos. Por último, e no que concerne ao uso da internet como ferramenta de lazer enquanto jogos *online*, 64,7% dos indivíduos indica que usa a internet para esse fim. Em síntese, a internet é usada de forma recorrente como ferramenta de suporte a pesquisas para trabalhos escolares e de lazer.

Trindade e Correia (1999) apontavam as bebidas destiladas como as mais consumidas; os adolescentes residentes em meios urbanos consomem mais do que os que residem no meio rural; os praticantes de desporto consomem mais bebidas alcoólicas, quando comparados com os não praticantes; a idade de iniciação ocorre entre os 11 e os 15 anos de idade e o local do primeiro consumo são as festas ou em casa; a

primeira bebida consumida é a cerveja, especialmente na companhia de amigos. Os dados evidenciaram que os jovens bebem como uma forma de vivenciar algo e que eles expressaram como sendo o prazer de beber e o de estar com os amigos.

Capítulo V – Conclusão

O presente estudo visou, pois, investigar o consumo de bebidas alcoólicas numa amostra de adolescentes residentes no distrito de Viana do Castelo e relacioná-lo com as rotinas de vida dos jovens, no que respeita à ocupação do seu tempo livre de obrigações formais e tempo de lazer de que dispõem.

Da nossa análise inferencial concluímos que os inquiridos situam-se nas idades compreendidas entre os 15 e 16 anos; que tanto rapazes como raparigas consomem álcool cada vez mais cedo, sendo que a maioria consome bebidas alcoólicas pela primeira vez na pré-adolescência e adolescência, sendo os inquiridos do sexo feminino quem inicia mais cedo o consumo de álcool; em relação aos pais, os do meio rural consomem mais bebidas alcoólicas; a maioria dos inquiridos conseguem resistir ao consumo de bebidas alcoólicas. No que respeita aos hábitos de vida, os indivíduos do sexo masculino fazem mais desporto, comparativamente aos indivíduos do sexo feminino. Pôde também concluir-se que o consumo de bebidas alcoólicas tem-se vindo a aproximar entre os sexos, isto é, entre rapazes e raparigas, no entanto e no que respeita a comportamentos perigosos devido ao álcool estes são em maior número nos inquiridos do sexo masculino.

Foram atingidos os objetivos inicialmente propostos para este estudo, visto que a amostra revelou diferenças estatisticamente significativas em vários domínios, ficando, assim, a necessidade de se refletir mais aprofundadamente sobre o consumo de álcool nos adolescentes e sobre a influência do meio e da escola em que estão inseridos, relativamente a tal prática, bem como sobre os motivos que os levam a este consumo.

Face ao exposto podemos concluir que a amostra típica de facto como desviantes determinados comportamentos sobre o consumo de bebidas alcoólicas praticados pelos adolescentes, demonstrando-o através do seu discurso. No entanto, pode ter havido em alguns casos, uma tentativa de defender um discurso que apesar de poder não corresponder à prática, seja encarado pelos nossos estudantes como o mais correto, perante a sociedade em que estamos inseridos.

Podemos expressar que não existe uma única imagem social sobre o consumo de bebidas alcoólicas como lazer, mas sim várias, determinadas pelas diferentes situações vividas pelos indivíduos.

Referências Bibliográficas

- Amaral Dias C. (1988). *Para uma Psicanálise na Relação*. Porto. Edições Afrontamento.
- Anastácio, Z., & Graça Simões, C. (2006). Saúde na adolescência: satisfação com a imagem corporal e a auto-estima. In LIDEL (Ed.), *Actividade física, saúde e lazer: a infância e estilos de vida saudáveis*. Lisboa: Edições Técnicas.
- Aroso, A. M. et al (1990). *Gravidez e Parto na Adolescência*. O Médico. Vol. 123, n.º 1990. Setembro, 128-134.
- Barañano, A. (2004). *Métodos e Técnicas de Investigação em Gestão – Manual de apoio à realização de trabalhos de investigação*. Lisboa: Editora Sílabo.
- Bee, H. O Ciclo Vital. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Beck, G. (2009). Conflito nas Organizações. *Centro Universitário Feevale*. Novo Hamburgo. Consultado em 27 de Outubro de 2011.
- Bento, J. (2004). Desporto para Crianças e Jovens: das causas e dos fins. In A. Gaya, A. Marques & G. Tani (Eds.), *Desporto para Crianças e Jovens: razões e finalidades*. (pp. 21-56). Porto Alegre: UFRGS Editora.
- Braconnier, A.; MARCELLI, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa. Climepsi Editores.
- Campos, Dinah Martins de Souza (1975) *Psicologia da Adolescência*. Petrópolis, Vozes.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia de investigação: guia para auto aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ceballos, Gerardo Castilho. (1999). *El Adolescente y sus Retos. La Aventura de Hacerse* Maior. Madrid, Ediciones Pirâmide, SA.
- Cervený, C. M. O. & Berthoud, C. M. E. (2001). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Claes, Michel (1990). *Os Problemas da Adolescência*. 2ª-ed., Lisboa, Editorial Verbo.
- Coslin, P. G. (2002). *Psicologia do adolescente* (1.ª ed.) Lisboa: Instituto Piaget.
- Cruz, C., Dinis, A., Correia, I. e Pais, L. (2009). *Cidadania e Formação Cívica 2.º e 3.º Ciclos*. Editora Sebenta.
- Drummond, M. & Drummond Filho, H. (1998). *Drogas: a busca de respostas*. São Paulo: Loyola.

- Faw, Terry (1974)-*Psicologia do Desenvolvimento*. Recife, Editora Mcgraw-Hill.
- Feijão, F. (2010). Epidemiologia do consumo de álcool entre os adolescentes a nível nacional e nas diferentes regiões geográficas. *Revista Toxicodependências*. Edição IDT, volume 16, n.º11, pp.29-46.
- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2006) Adolescências...Adolescentes... *Milleniumonline – Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu*, 32, 141-162.
- Fortin, M. (2000). *O processo de Investigação: Da Conceção à Realização* (2ª ed.). Loures: Editora Lusociência.
- Fortin, M. (2003). *O processo de Investigação: Da Conceção à Realização*. Loures: Editora Lusociência.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lisboa: Editora Lusodidacta.
- Gil, A. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (3.ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Kinnear, T. C. & Taylor, J. R. *Marketing research: an applied approach*. New York: McGraw Hill, 1991.
- Leal, I. (2000). *Gravidez e maternidade na adolescência. Sexualidade e Planeamento familiar*. N.º 27/28. Julho/Dezembro, 23-26.
- Leitão, L. M. & Miguel, J. P. (2004) Avaliação dos interesses. Em: L. M. Leitão (Org.). *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp. 179-262). Coimbra: Quarteto.
- Nunes, L. e Jóluskin, G. (2007). *Drogas e Comportamentos de Adição. Um manual para estudantes e profissionais de saúde*. Ed. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Marcia, J. E. (1967). Ego identity status: relationship to change in self-esteem, “general maladjustment”, and authoritarianism. *JournalofPersonality*, 35, 118-133.
- Marques, A. (1999). Crianças e adolescentes atletas: entre a escola e os centros de treino...entre os centros de treino e a escola. In *Seminário Internacional Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, Secretaria de Estado do Desporto.
- Marques, A., & Gaya, A. (1999). Atividade Física, Aptidão Física e Educação para a Saúde: estudos na área pedagógica em Portugal e no Brasil. *Revista Paulista de Educação Física*, 13(1), 83-102.
- Moradela, M. (1992)-*Psicologia dei Desarrollo-Infância, Adolescência, Madurez YSenectud*Barcelona, MarcomboBoixareuEditores.
- Mota, J. (1999). Educação e Saúde. In C. M. d. Oeiras (Ed.), *Desporto e saúde*(pp. 55-102). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

- Nodin, N. (2001). *Os Jovens Portugueses e a Sexualidade em finais do século XX*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Oliveira, A., Albuquerque, C., Carvalho, G., Sendin, P., & Silva, M. (2009). *Determinantes da Obsedidade nos Adolescentes*. Comunicação apresentada em Actas de Vº Seminário Internacional / IIº Ibero Americano de Educação Física, Lazer e Saúde.
- Organização Mundial da Saúde (1965). *Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S* (Informe técnico nº 308). Genebra.
- Osório, L. C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Osuna, J. R. (1991). *Métodos de muestreo*. España: CIS.
- Romanelli, G. (1997). Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. *Cadernos de Pesquisa NEP*, 1-2, 25-34.
- Sampaio, D. (2001). *Voltei à escola*. Editorial Caminho.
- Scabini, E. (1992). *Ciclo de vida familiar e de saúde familiar*. Manuscrito não publicado. Universidade Católica do Sagrado Coração. Milão, Itália.
- Sprinthall, N.A; Collins, W.A (1994). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sudbrack, M. F. O. (2001). Terapia familiar sistêmica. Em S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.), *Dependência de drogas* (pp. 403-415). São Paulo: Atheneu.
- Tallón, M. A., Ferro, M. J., Gómez, R. & Parra, P. (1999). Evaluación del clima familiar en una muestra de adolescentes. *Revista de Psicología Geral y Aplicada*, 451-462.
- Traverso-Yépez, M. A. & Pinheiro, V. S. (2002). Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*, 14(2), 133-147.

Anexos

Anexo 1 – Questionário

QUESTIONÁRIO

adaptado de Frazão (2004); Salvador (2008)

O questionário que se segue faz parte integrante de um estudo de investigação sobre os consumos de álcool na população adolescente.

Os dados que forem recolhidos, de carácter pessoal ou familiar, sobre os hábitos de consumo ou de opinião, só interessam para a investigação que estamos a desenvolver e nunca em termos individuais.

O que se pretende é que preenchas todo o questionário com **rigor e sinceridade** e sem qualquer tipo de receio uma vez que são dados **confidenciais**.

Para responderes à maioria das questões basta escolher a hipótese de resposta e marcar com um “X” o círculo correspondente.

Obrigada pela tua colaboração.

1. Estabelecimento de ensino:

2. Tipo de Curso: Regular Profissional

3. Idade: ____ anos

4. Sexo: Feminino Masculino

5. Quem vive contigo na tua casa?

Pai	<input type="radio"/>
Mãe	<input type="radio"/>
Padrasto/companheiro da mãe	<input type="radio"/>
Madrasta/companheira do pai	<input type="radio"/>
Um irmão(ã)	<input type="radio"/>
Dois irmãos(ãs) ou mais	<input type="radio"/>
Avô e / ou Avó	<input type="radio"/>
Outros(especifica): _____	<input type="radio"/>

6. Não vivo com o pai a tua mãe porque:

Estão divorciados/separados	<input type="radio"/>
Está emigrado(a)	<input type="radio"/>
Faleceu	<input type="radio"/>
Outra situação	<input type="radio"/>

7. Indica o nível de escolaridade dos teus pais:

Pai	Escolaridade	Mãe
<input type="radio"/>	1º ciclo / 4º ano de escolaridade	<input type="radio"/>
<input type="radio"/>	2º ciclo / 6º ano de escolaridade	<input type="radio"/>
<input type="radio"/>	3º ciclo / 9º ano de escolaridade	<input type="radio"/>
<input type="radio"/>	Secundário / 12º ano de escolaridade	<input type="radio"/>
<input type="radio"/>	Curso médio	<input type="radio"/>
<input type="radio"/>	Curso superior	<input type="radio"/>

8. Hábitos familiares de consumo de bebidas alcoólicas:

	Pai			Mãe		
	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca
Bebe à refeição	<input type="radio"/>					
Bebe em festas	<input type="radio"/>					
Bebe quando sai	<input type="radio"/>					
Outras: _____	<input type="radio"/>					

9. Se pensares nos fins-de-semana (entre Sexta-feira e Domingo) e nas semanas (entre Segunda e Quinta-feira), em média, quantos copos de bebidas alcoólicas bebe aproximadamente o teu pai e a tua mãe?

	Pai		Mãe	
	Durante o fim-de-semana	Durante a semana	Durante o fim-de-semana	Durante a semana
Não bebe bebidas alcoólicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1 ou 2 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 a 5 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6 a 10 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11 a 20 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21 a 30 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não sei	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**10. Que bebidas costumam beber o teu pai e a tua mãe?
(podes assinalar várias opções):**

	Pai	Mãe
Vinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cerveja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Whisky / Gin / Vodka	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Shots	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cocktails	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Champanhe	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro: _____	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro: _____	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Hábitos pessoais de consumo de bebidas alcoólicas:

Nunca bebi	<input type="radio"/>
Bebi apenas uma ou duas vezes	<input type="radio"/>
Normalmente bebo todas as semanas	<input type="radio"/>
Bebo em festas/comemorações	<input type="radio"/>

12. Com que idade ingeriste pela primeira vez uma bebida alcoólica? ____ anos.

Se sim, em que contexto aconteceu?

Em festa, com a família	<input type="radio"/>
Em festa, com amigos	<input type="radio"/>
À refeição	<input type="radio"/>
Viagem de finalistas / de estudo	<input type="radio"/>
Sozinho	<input type="radio"/>

12.1. Outros (especifica): _____

13. Assinala os dias em que normalmente bebes:

Seg.O ; Ter.O ; Qua.O ; Qui.O ; Sex.O ; Sáb.O ; Dom.O ;

14. Com que idade ficaste embriagado pela primeira vez? ____ anos.

Se sim, em que contexto aconteceu?

Em festa, com a família	<input type="radio"/>
Em festa, com amigos	<input type="radio"/>
À refeição	<input type="radio"/>
Viagem de finalistas / de estudo	
Sozinho	<input type="radio"/>

Outros(especifica): _____

15. Se pensares nos fins-de-semana (entre Sexta-feira e Domingo) e nas semanas (entre Segunda e Quinta-feira), em média, quantos copos de bebidas alcoólicas bebes?

	Durante o fim-de-semana	Durante a semana
Não bebes bebidas alcoólicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1 ou 2 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 a 5 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6 a 10 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11 a 20 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21 a 30 copos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Que bebidas costumavas beber? (podes assinalar várias opções):

Vinho	<input type="radio"/>
Cerveja	<input type="radio"/>
Whisky / Gin / Vodka	<input type="radio"/>
Shots	<input type="radio"/>
Cocktails	<input type="radio"/>
Champanhe	<input type="radio"/>
Outro: _____	<input type="radio"/>

Outro: _____	<input type="radio"/>
--------------	-----------------------

17. Se eu beber, acho que é:

Muitoagradável	<input type="radio"/>
Agradável	<input type="radio"/>
Nemagradável/nemdesagradável	<input type="radio"/>
Desagradável	<input type="radio"/>
Muitodesagradável	<input type="radio"/>
Nãosei	<input type="radio"/>

18. Em que circunstâncias achas que os teus pais aceitam que tu bebas:

O meu pai aceita que eu beba A minha mãe aceita que eu beba

Sim	Não	Nãosei		Sim	Não	Nãosei
			Sozinhoem casa			
			Em casa com a família			
			Em casa com amigos			
			Numa festa com a família			
			Numafesta com amigos			
			Nasdiscotecas / Bares			

19. Alguma vez te sentiste pressionado pelos teus amigos para beber?

Muitasvezes	Váriasvezes	Algumasvezes	Rarasvezes	Nunca
<input type="radio"/>				

20. Alguma vez te sentiste pressionado pelos teus pais para beber? (numa comemoração por exemplo)

Muitasvezes	Váriasvezes	Algumasvezes	Rarasvezes	Nunca
<input type="radio"/>				

21. Quantas pessoas conheces que bebem?

Quasetodas	Mais de metade	Metade	Menos de metade	Quaseninguém
○	○	○	○	○

22. Pensas que és capaz de não beber nas seguintes situações:

	Tenho a certeza <u>que não bebo</u>	Tenho alguma certeza que <u>não bebo</u>	Não sei	Algumacerteza <u>que bebo</u>	Tenho a certeza <u>que bebo</u>
Quando estás com pessoas que bebem és capaz de não beber?					
Quando estás com amigos que estão a beber és capaz de não beber?					
Quando te oferecem um copo és capaz de não beber?					
Quando saís com os teus amigos à noite és capaz de não beber?					
Quando estás na discoteca com os teus amigos és capaz de não beber?					
Quando saís com os teus amigos à tarde, és capaz de não beber?					

23. Achas que estás em forma? (marca com um círculo um dos números)

Nada em forma.....

Pouco em forma.....

Não tenho a certeza.....

Em forma

Muito em forma

24. Quantas horas de exercício físico, de intensidade pelo menos moderada, fizeste na semana passada, dentro e fora da escola? (actividades de intensidade moderada incluem aquelas que te fazem sentir quente e ligeiramente sem respiração). Escolha a resposta mais próxima.

Nenhuma

Uma hora

Duas horas

Três horas

Quatro horas

Cinco horas

Seis horas

Sete ou mais horas

25. Quanto gostas de atividades físicas? (marca com um círculo um dos números)

Nada

Um pouco

Bastante

Muito

26. Com que frequência praticas estas actividades no teu tempo livre ou na escola. (Coloca um círculo num número de cada coluna).

Atividade	Nunca ou raramente	Às vezes	1 vez por semana	Mais do que uma vez por semana
Andar de bicicleta	0	1	2	3
Andebol	0	1	2	3
Atletismo (saltos e lançamentos)	0	1	2	3
Basquetebol	0	1	2	3
Corrida (constante ou em jogos)	0	1	2	3
Dança	0	1	2	3

Futebol	0	1	2	3
Ginástica desportiva	0	1	2	3
Ginástica de academia	0	1	2	3
Hóquei	0	1	2	3
Judo	0	1	2	3
Karaté	0	1	2	3
Musculação	0	1	2	3
Natação	0	1	2	3
Ténis	0	1	2	3
Voleibol	0	1	2	3
Outra: _____	0	1	2	3
Outra: _____	0	1	2	3

27. Consideras-te uma pessoa social? (marca com um círculo um dos números)

Nada

Pouco

Não tenho a certeza.....

Bastante

Muito

28. Com que frequência praticas estas atividades no teu tempo livre ou na escola. (coloca um círculo um número de cada coluna).

Atividades sociais	Nunca ou raramente	Às vezes	1 vez por semana	Mais do que 1 vez por semana
Sair com amigos	0	1	2	3
Ir a festas em casa de amigos	0	1	2	3
Ir a discotecas, bares	0	1	2	3
Convívio familiar (ex. almoço, jantar)	0	1	2	3

Irdançar	0	1	2	3
Jantar num restaurante (com amigos)	0	1	2	3
FrequentarClubeouAssociação	0	1	2	3
Outra: _____	0	1	2	3
Outra: _____	0	1	2	3

29. Quanto gostas de atividades sociais? (marca com um círculo um dos números)

Nada

Um pouco

Bastante

Muito

30. Utilizaste a internet no último mês? (coloca um círculo em cada linha)

Em casa Sim Não

Na escola Sim Não

Outro lugar Sim Não

31. Utilizas *chat rooms*, ou sites de redes sociais, na internet, como o *Facebook*?

Nunca	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequente	Todos os dias
○	○	○	○	○

32. Foste informado sobre como te manteres seguro enquanto utilizas a internet, por exemplo, no *Facebook* ou em *chat rooms*?

Coloca um círculo numa das respostas Sim Não Não sei

33. Para que utilizas a internet? (coloca um círculo num número de cada linha)

Consultar os sites relativos aos meus passatempos e interesse ... Sim Não

Chatting (por exemplo, MSN)..... Sim Não

Pesquisa em sites para ajuda e aconselhamento Sim Não

Trabalhos escolares Sim Não

Trocar mensagens no *MySpace, Facebook, Twitter*, etcSim Não

Atualizar o meu *Blog / site*Sim Não

Jogar.....Sim Não

Outras atividades: _____

Anexo 2 – Pedido de Autorização

Ex. mo Sr. Diretor da

Escola _____

Eu, Susana Margarida Silva Pereira, professora do grupo disciplinar 520 nesta escola, estou a desenvolver a tese “O Álcool como Lazer”, na Escola Superior de Educação do IPVC, sob orientação da Doutora Maria Luísa Ramos Santos e com a co- orientação do Mestre Jorge Manuel Pereira Ribeiro. Esta tese procura investigar os padrões de consumo de bebidas alcoólicas, numa amostra de adolescentes residentes no concelho de Viana do Castelo, e demonstrar como estes se relacionam com as rotinas de vida dos jovens. A importância deste estudo deve-se ao facto do álcool ser, inequivocamente, a droga mais comum entre os jovens, embora se continue a dar-lhe menor importância que às drogas ilegais.

Face ao exposto, solicito a V.^a Exa, autorização para a aplicação de um questionário às turmas do ensino secundário.

Na expectativa de uma resposta favorável, subscrevo-me com os melhores cumprimentos,

Viana do castelo, 19 de Abril de 2012

A Mestranda

Anexo 3 – Pedido de Autorização (pais dos alunos)

Estudo sobre o consumo de álcool associado ao lazer nos adolescentes, com o objetivo de analisar, descrever e interpretar os padrões de consumo de bebidas alcoólicas numa amostra de adolescentes residentes no distrito de Viana do Castelo e relacionar como estes se relacionam com as rotinas de vida dos jovens, desenvolvida no contexto de Dissertação para obtenção do grau de Mestrado em Promoção e Educação Para a Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), venho pedir a sua autorização para a colaboração do seu educando neste estudo respondendo a alguns questionários, relativamente a esta temática. Se pretende autorizar o seu educando no nosso estudo, deverá assinar a declaração que se segue. Agradeço desde já a sua colaboração para com este estudo.

_____ (Susana Margarida Silva Pereira) -----

Declaração

Declaro, que autorizo o meu educando (nome) _____ a participar no estudo de investigação, da responsabilidade de Susana Margarida Silva Pereira, no âmbito da sua Dissertação para obtenção de Mestrado em Promoção e Educação para a Saúde do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC).

(Assinatura do encarregado de educação)

Data ___/___/___